

**com  
e  
c  
o**





**MÚTUA**  
**COSTURAS**  
**ANTONIA NAYANE**  
**AZIZA EDUARDA**  
**LINA MINTZ**  
**MARUAIA**  
**RENATA DELGADO**  
**SARAH COELI**  
**QUEM SOMOS**  
**FICHA TÉCNICA**

\*Clique sobre o nome para ir para a sessão

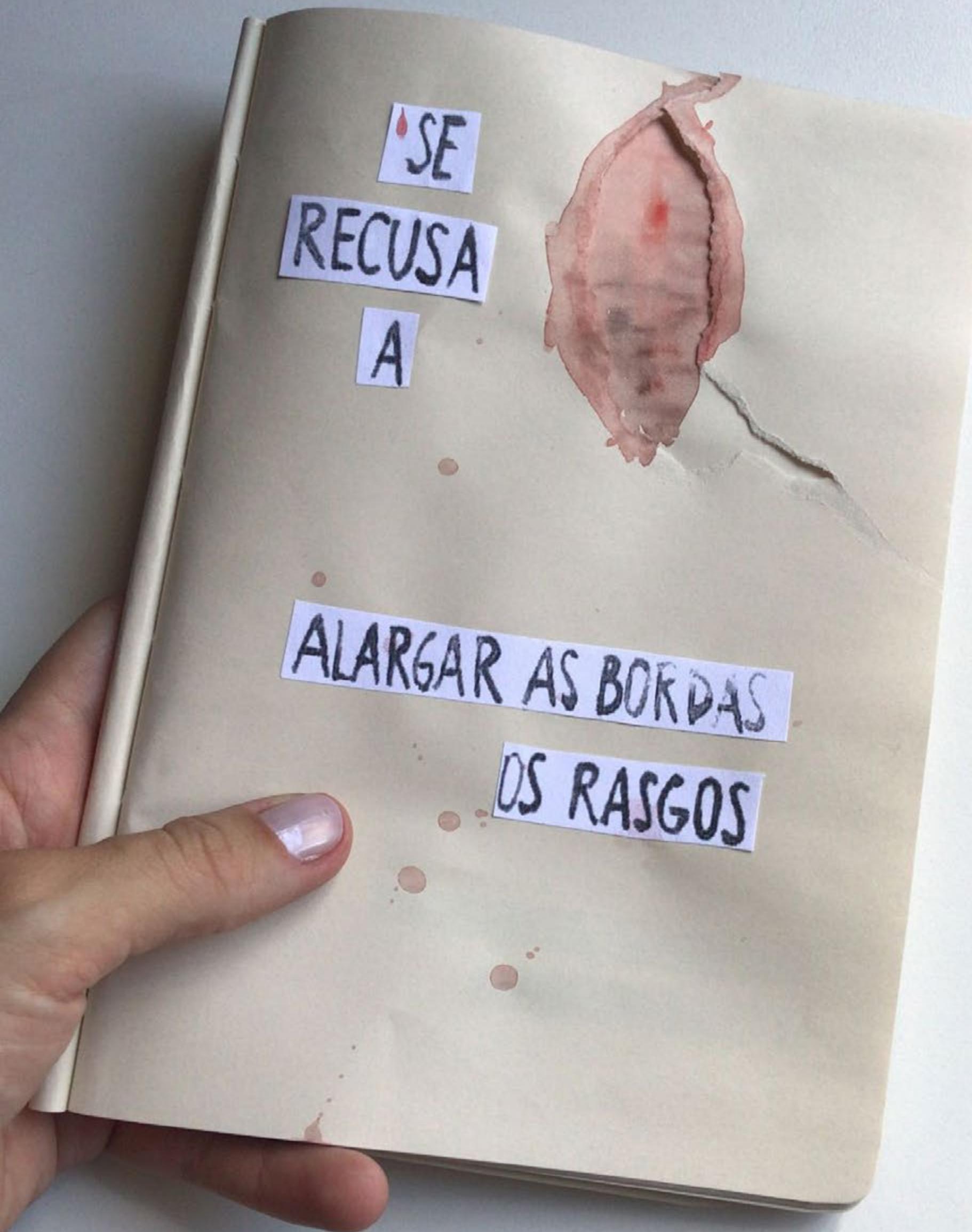


**MÚTUA . POÉTICAS DO ENCONTRO**  
por Catarina Maruaia e Lina Mintz

Na segunda edição do Poéticas do Encontro, foi realizada uma proposta de residência artística durante os meses de abril e maio de 2023. A equipe do projeto é composta por um grupo de seis artistas visuais: Catarina Maruaia e Lina Mintz, artistas anfitriãs e idealizadoras do projeto; Renata Delgado, artista convidada; e as artistas selecionadas por meio de convocatória aberta, Antônia Nayane, Aziza Eduarda Xavier e Sarah Coeli. As artistas contaram, por sua vez, com a orientação da Julia Panadés que forneceu olhar atento ao longo do processo.

Os encontros se deram de forma híbrida. Semanalmente as participantes se reuniam para compartilhar reflexões, processos de criação e ideias para a



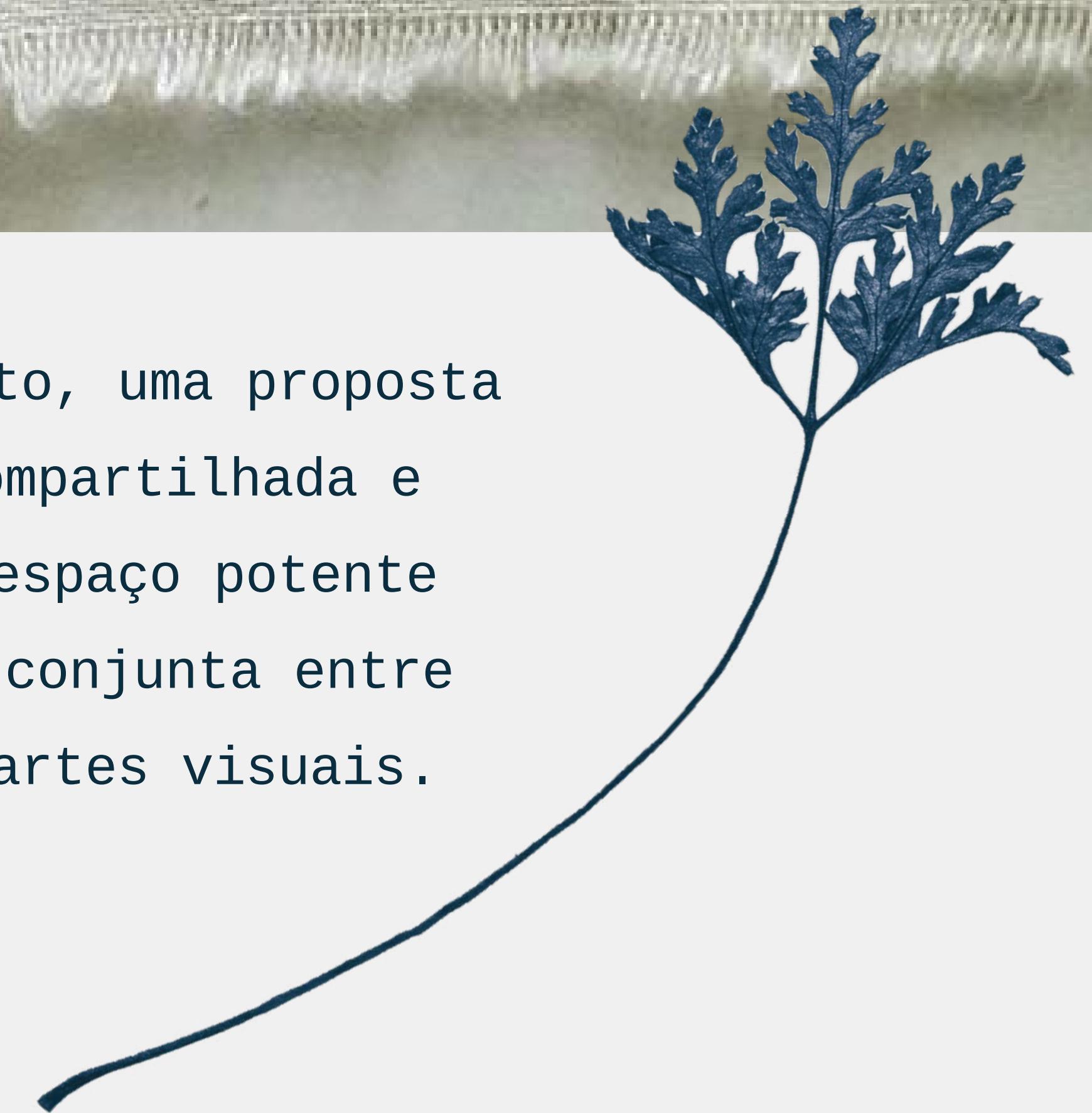


realização dos trabalhos. Foi realizado também um período de imersão, no qual as artistas tiveram a oportunidade de aprofundar as trocas e os processos artísticos, com condições adequadas para concentrar e desenvolver as propostas, além de ter acesso a materiais para realização dos trabalhos.

Ao longo do processo, foram realizadas quatro aulas/lives com artistas convidadas, que possibilitaram a oportunidade de ampliar o diálogo e aprofundar em temáticas específicas. Foram elas: Performance Art com Génova Alvarado; Pintura, arte urbana com Yanaki Herrera; Mercantilização na vida real e na arte com Flaviana Lasan; O processo de escrita de projetos artísticos e culturais: editais e chamadas abertas com Maria Vaz.

IERAN

Mútua é, portanto, uma proposta de criação compartilhada e se revela um espaço potente de construção conjunta entre mulheres das artes visuais.



**SARAH Coteli** E S C R I T A  
Repetição, Ruína

VOCALIZAR camada Fala  
—OSOM DO TEXTO— Voz

LINHAGEM Matéria

curvava TEMPO  
autonomia.  
da matéria ORAÇÃO.  
na condução.  
PRÁTICA ODE CAMADAS  
do barro ou INSCRIÇÃO.  
agulhas frágeis NOME TÁTIL  
ligações Ruptura TRANSMISSÃO.  
do que eu sei  
do que não sei.

**CATARINA MARUAI**

EXPERIÊNCIA — CORPO NEGADO AFIRMATIVA  
BARRO CORPO CORPO CORPO CORPO CORPO  
VIDA - MORTE NOVO - CHÃO SAGRADO violência prazeres  
NOVO — CHÃO SAGRADO REPENSADOS afeto  
Peso REINVENÇÃO DO OVO VOO REINVENÇÃO NOVO  
REINVENÇÃO NOVO LIBERDADE herança dor  
liberdade experimental BRECHA de  
experiencial POTE  
VITAVIDADE ÚTERO Reinvención  
ESPIRITAL HABITAR CORPO  
DO MISTÉRIO VULVA NO MUNDO  
FORNO VASO VASO

**Lina Minz** CORPO em Movimento  
Coletivos Encontros propositivo  
Encontros Vivência  
Inclusão Intriga Possibilidades  
Intriga Entrega Intencional  
Ensaio com mulheres  
Como se desenha o trato  
o autorretrato - contrários  
Retrato paradoxo  
comum  
ESPAÇO Tempo  
p/ IMAGEM pensamental  
SEQUENCIAL movimento  
DOS MOVIMENTOS Reflexão.

**ANTONIA MUNIZ**

OSTA & pesquisas FUNDAMENTAIS  
OPERATÓRIO AUTO RETRATO  
NECESSIDADE FISSURA Aléxia Fissura Agulha  
CONTAR EXPERIÊNCIA Boca Gola  
DAS INTENSIDADES PRONTUÁRIO DELA  
REELABORADAS EM ABRAGOS E CRINTAS  
Teido IMAGEM POEMAS  
Resguardo — MISTÉRIO INFINITO  
Compreensão gesto cirúrgico PO DE  
Cetim, manganha, mitos DI ZER  
CHAMAMENTO pesquisas VIVA VISIM  
e experiências VIVA

**RENATA DELGADO** EDUCA A EDUCAÇÃO COLETIVA  
experimentação — CORPO  
ENCONTROS VIAGEM PESQUISA  
ESTURRAM PROLÍFERA  
ESCUITA SENSITIVA PERFORMA MÚTUA  
REGISTRO DE MULHERES HISTÓRIAS SABEM  
surpreender. ESCUTA GRÁFICA  
Serviço Anulações Relevância NATAL  
Invisibilidade PER FORMA CORPO dança  
A FICÇÃO TRAMA CONTEXTO ROTATO  
REINVENÇÃO INSPIRATIVA TRANSFORMADORA  
de como se dão mos. ) como?  
ESCOLHER — RETRATAR MANTIMENTOS  
Fotografia vivencial

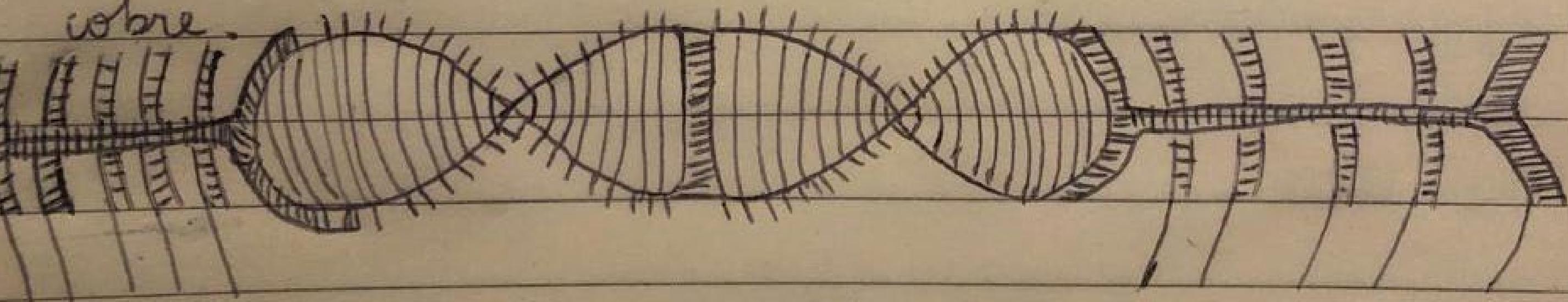
**EDUARDA XAVIER** enunciado  
CIR  
UTZ  
Registro Afetivo PROSPERO  
Relações Alianças Vínculos Ancestrais  
Afais.  
Como Nomor? PARINDROMO. VERTICE  
Futuro Petros Novos  
collagen — Tudo o que eu toco  
é ouro  
Coragem Compositiva imnogina  
experiência entre linguagens ouro  
PINTURA — POTO — COLAGEM  
CORTE CORTA COBRE ROXA  
CAPACIDADE IMAGINATIVA

## COSTURAS

por Júlia Panadés

Encontrando fio do esquecimento lembrar-se  
Dar encontro ao desencontro, escrever as  
Ocios do verão, Vazioz. Deitar o corpo, enquer  
e sono como um lençol ao vento.

A primeira letra, faixa da palavra,  
arco do mundo, a primeira amizã. Eu me  
cubro para não sentir frio, meu ~~arrepiado~~<sup>arrepio, e'</sup>  
a sua pele. Eu a sinto no tacho de  
cobre.



O inoperante da operação. ~~Algo que não fazia falta~~  
A ferramenta frágil. Ameaca de quebra ponto a  
ponto, O tecido entre os dedos ~~que se rompeu~~  
~~que se rompeu~~ Materia tecida. Mostra-se  
o fio, a pele. Enovelando gestos ~~sobre o lençol~~



Mútua é o nome de um laboratório expressivo de troca, reciprocidade e partilha. Fui convidada como artista orientadora para acompanhar um grupo de seis artistas residentes por um período intensivo de três meses. Pelo sim ao convite, conheci uma mutualidade de pequenos gestos, um processo sendo feito por mulheres, entre mulheres, na largura dos dias. Os feitos foram sendo através dos encontros presenciais, das redes abertas, dos mergulhos solitários, das vivências coletivas, dos estranhamentos, dos entranhamentos, dos fracassos, das afinidades, dos apoios, das edições, das publicações, como a mostra de processo que nos convida hoje ao inaugural da partilha, ao recíproco da troca.

Mútua é a qualidade do que se dá e se recebe em reciprocidade, como a relação entre a linha de costura e o rasgo. O vai e vem é uma espécie de reciprocidade das margens vinculadas pelo fio, a deslizar no ziguezague de um ponto ao outro. A agulha leva o fio, atravessa os tecidos, faz a laçada do nó atado à carne da trama. Detido de seu livre curso, o fio retorna, torna-se tensão em movimento: é esse o teor do gesto. O fluxo se aninha e se ancora no rastro da costura. Toda a condução da fibra é a crina fiada, a selvageria a passar pela fenda do metal pontiagudo. A condição de coser dá ao fio sua participação na trama, ajunta a fissura, sutura as partes, repara o rasgo. O gesto restante faz do resto gestante uma condição de superfície, cerzidura, cicatriz.

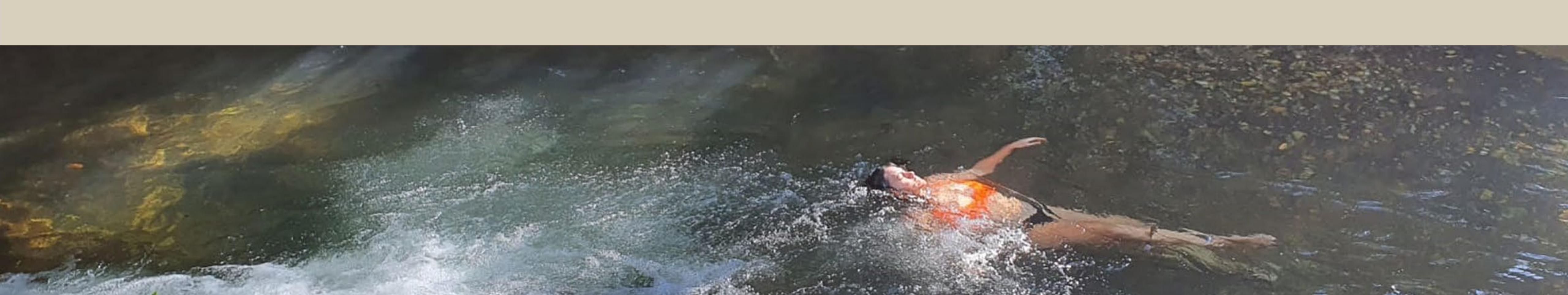




Mútua é a placenta, superfície de troca e filtro protetor, fusão das membranas fetais e da mucosa uterina. Ela é entremeio, vínculo nutritivo com o começo de uma vida ainda embrionária, estrutura vascular gerada pela gravidez, órgão transitório nascido para cada gestação. Pode ser considerada, nesse sentido, um duplo matricial do feto, mas um duplo sem semelhança, coincidindo com o feto na duração do espaço-tempo uterino, gestacional, até o ato em desato do parto. Mútua é a cena do parto conjugada no simultâneo partir e parir.

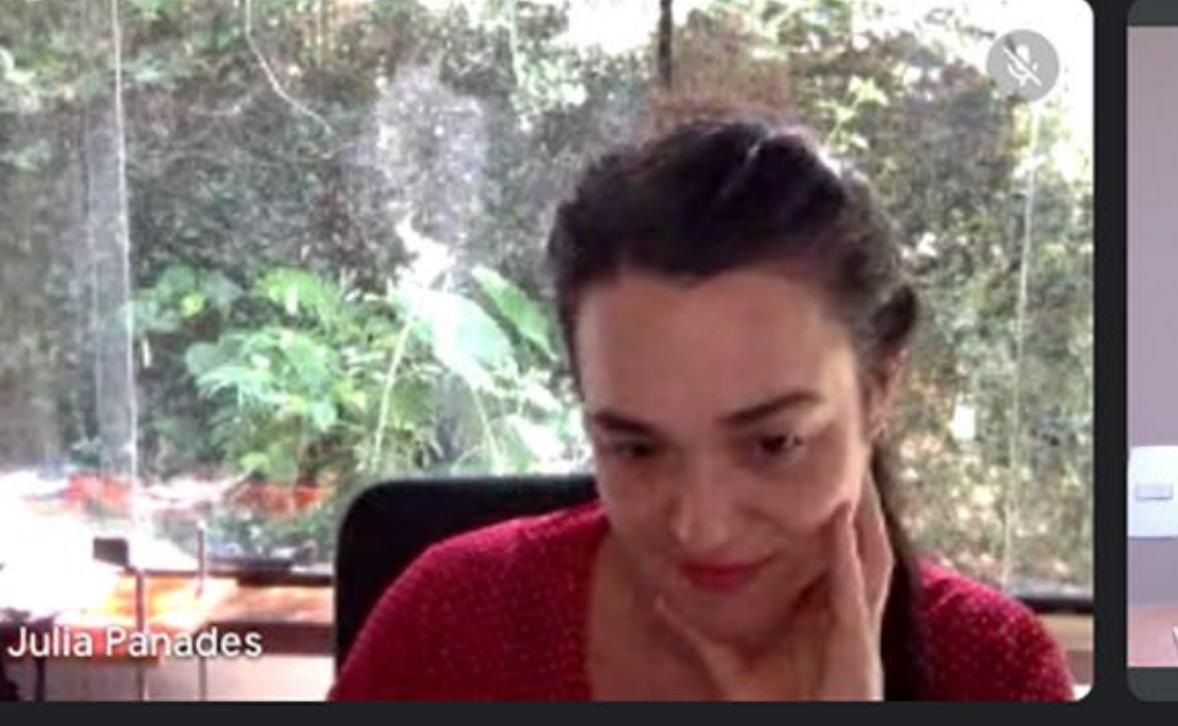
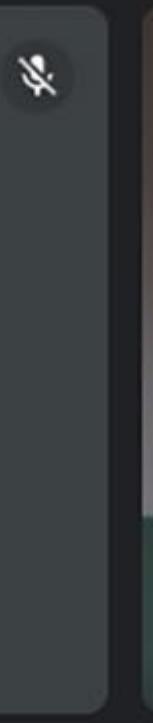


Da raiz etimológica de “parto” deriva uma linhagem de outras palavras no sentido da divisão, nas ações de dar e fornecer, implicando a reciprocidade das partes. Pertencer (tornar-se parte), participar (tomar parte), partilhar (dar parte). A convergência entre as partes (pertencidas, participadas e partilhadas) encontra, na experiência do parto, a marca de sua abertura, seu término e termo, seu potencial criador de começos, vínculos, alianças, cuidados. Mútua é a visão entre as partes no instante inaugural da partida. Com o desprendimento do corpo parido nasce a necessidade vital de novas alianças, relações, conjunções, composições. No termo arcaico *partum*, etimologia latina de “parto”, está expressa a amplitude generosa do termo, conjugando mutuamente os processos de parir, dar à luz, trazer ao mundo, gerar, produzir, criar, inventar, doar, ofertar, passar adiante, distribuir.





Mútua é uma mulher. Como caminho de pesquisa, uma mulher se conjuga no plural. Mulheres são ancestralidades, abertas pelo ninho de filiações, em tramas de linho, em ritos de cura, em gestos de reparo, em casulos, em memórias fabuladoras. No coletivo de mulheres, cada mulher encontra o impessoal fio do esquecimento. Mutuamente, ela se lembra: é preciso dar encanto ao desencontro, pedir ao oco do vaso o vazio. Deitar o corpo, a nudez crua, erguer o sono como um lençol ao vento. Sonhar a primeira letra, faísca da palavra, avó do mundo, anciã em seu tacho de cobre. Ela se cobre para não sentir frio, o arrepio é a sua pele.



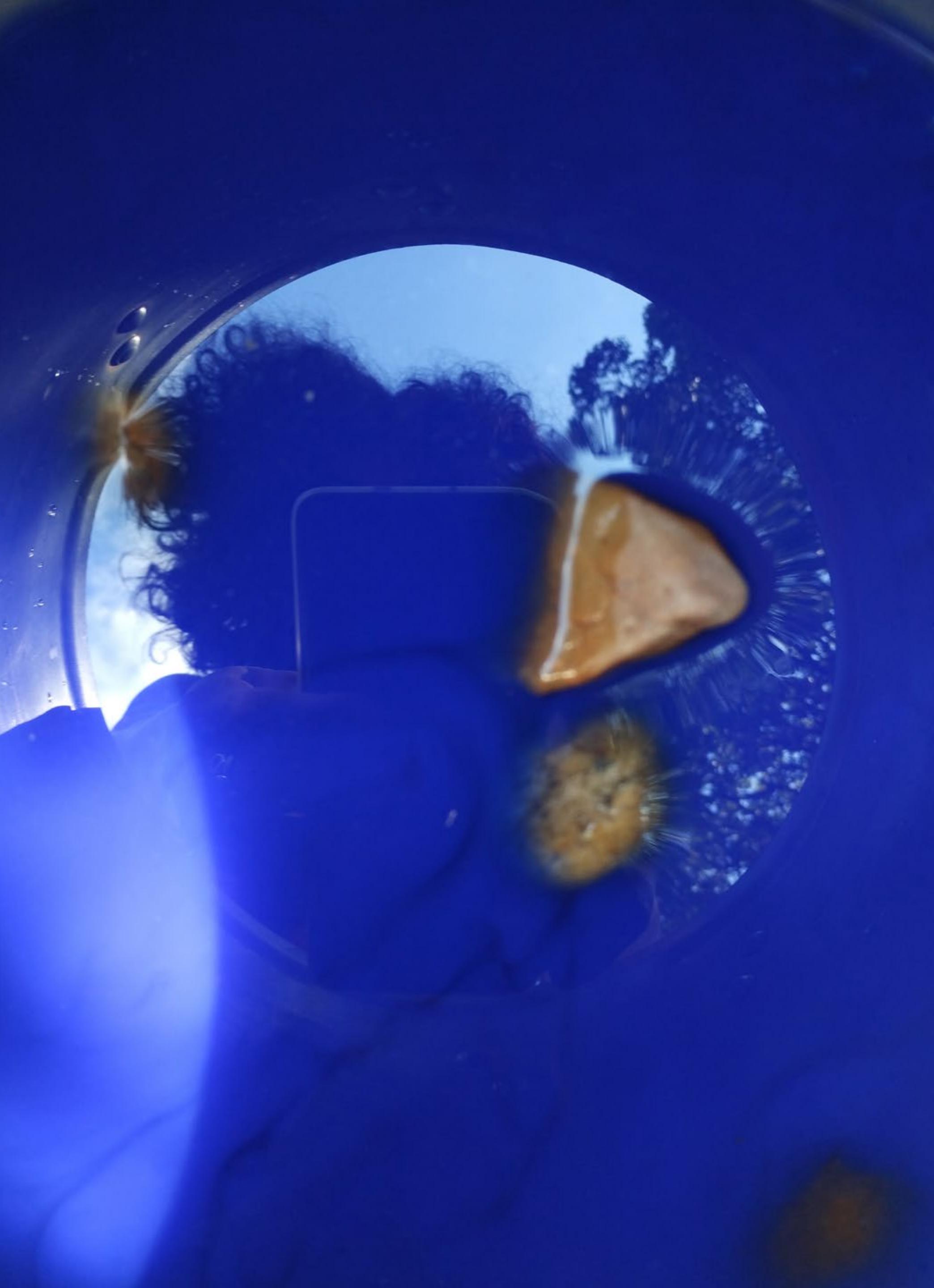
Sarah Coeli

Julia Panades

Você

Mútua é a riqueza em mãos desprovidas, elas trocam tesouros numa orquestra de restos, e nada pedem que não possam dar. A poeira enovelada em fio, o fio provedor da trama, a trama a cobrir a pele, a pele aberta em nudez recém-nascida. A ferramenta frágil tece, ponto a ponto, uma ameaça de ruptura, uma inoperância na operação. Mútua é a matéria entre os dedos, fibra e barro, a encarnar lentamente o começo pelo meio: o poema ao silêncio é anterior ao nome, a contemplação noturna gesta a face clara da manhã, a matéria repousa em sua própria cura. Envoltórios, espirais, ninhos, novelos, a linguagem geracional está sempre com as mãos postas, ofertada em concha.





Mútua é a distância deitada entre o céu e a terra. Na anterioridade póstuma do horizonte criador, um veio d'água entre as pedras dissolve o azul em ouro negro. Os olhos abertos e fechados enxergam os búzios, espelham a visão do infinito, espalham as raízes ao centro magmático da terra para impelir os ramos em direção ao sol. Mútua é a mulher nas mulheres, a vitalidade geradora a se abrir em flor, em fruto, em semente. Somos a reinvenção do ovo, somos a meditação do cuidado, somos o inacabamento da continuidade, somos a vazão do vaso, somos o palíndromo desse mergulho.

para Antônia, Aziza, Lina,  
Maruaia, Renata e Sarah.

31 de maio de 2023

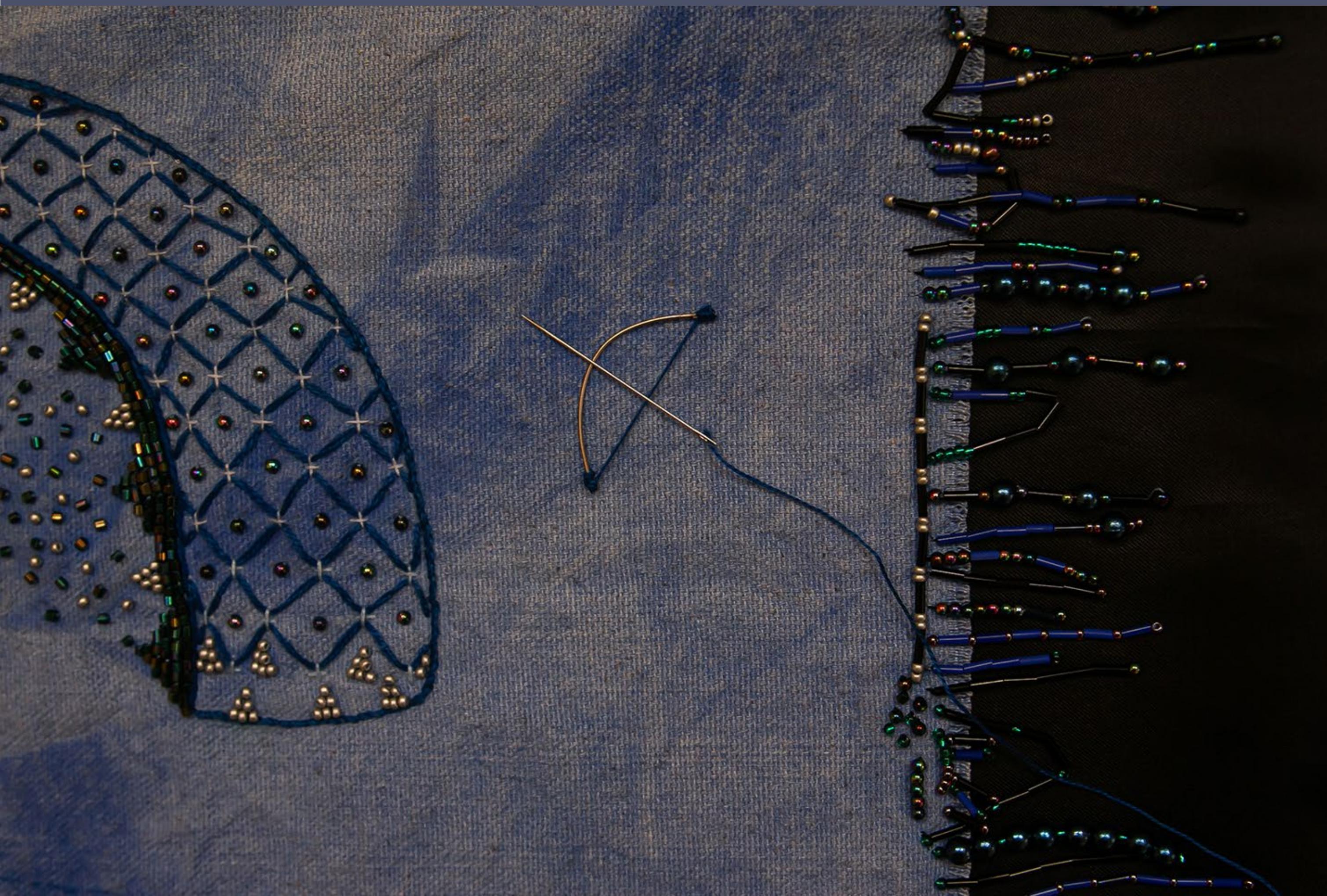
# HERANÇA

O QUE SE APRENDEU OU FOI TRANSMITIDO  
TRANSMITIDO PELOS GENES  
O QUE SE TRANSMITE PELO SANGUE



## "Mundiada":

Há, no meu processo criativo, a itinerância. Crio, sobretudo, porque sou capaz de me mover em diversas dimensões e temporalidades. É o movimento que ergue a criação, uma criação embevecida pelo dinamismo da vida. Que nasce do mistério, do saber ser cósmico. Cadência dos metais líquidos da Terra. Magma da memória. Composição infinitesimal das estrelas. Crio porque sou criação e criatura.

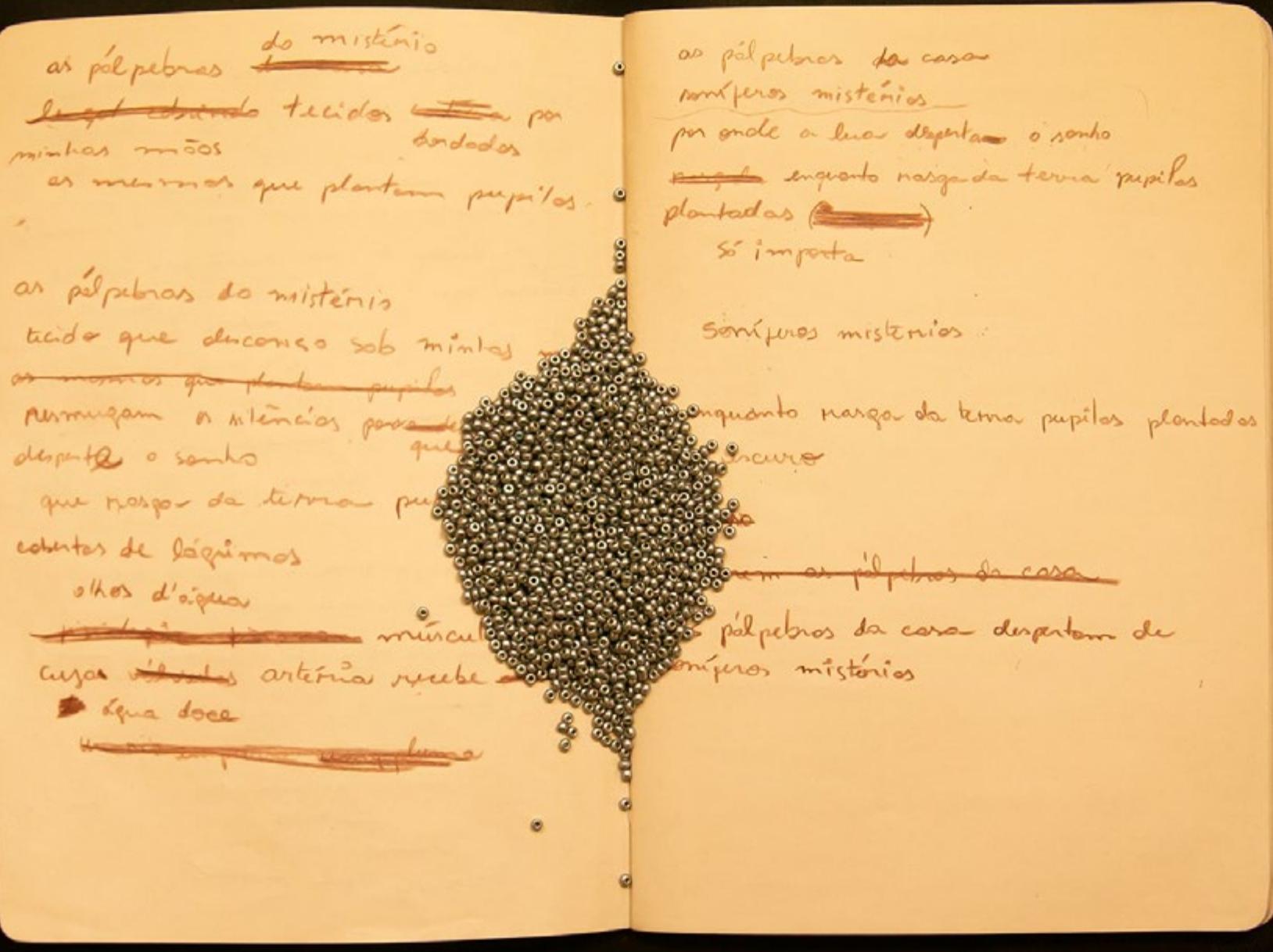
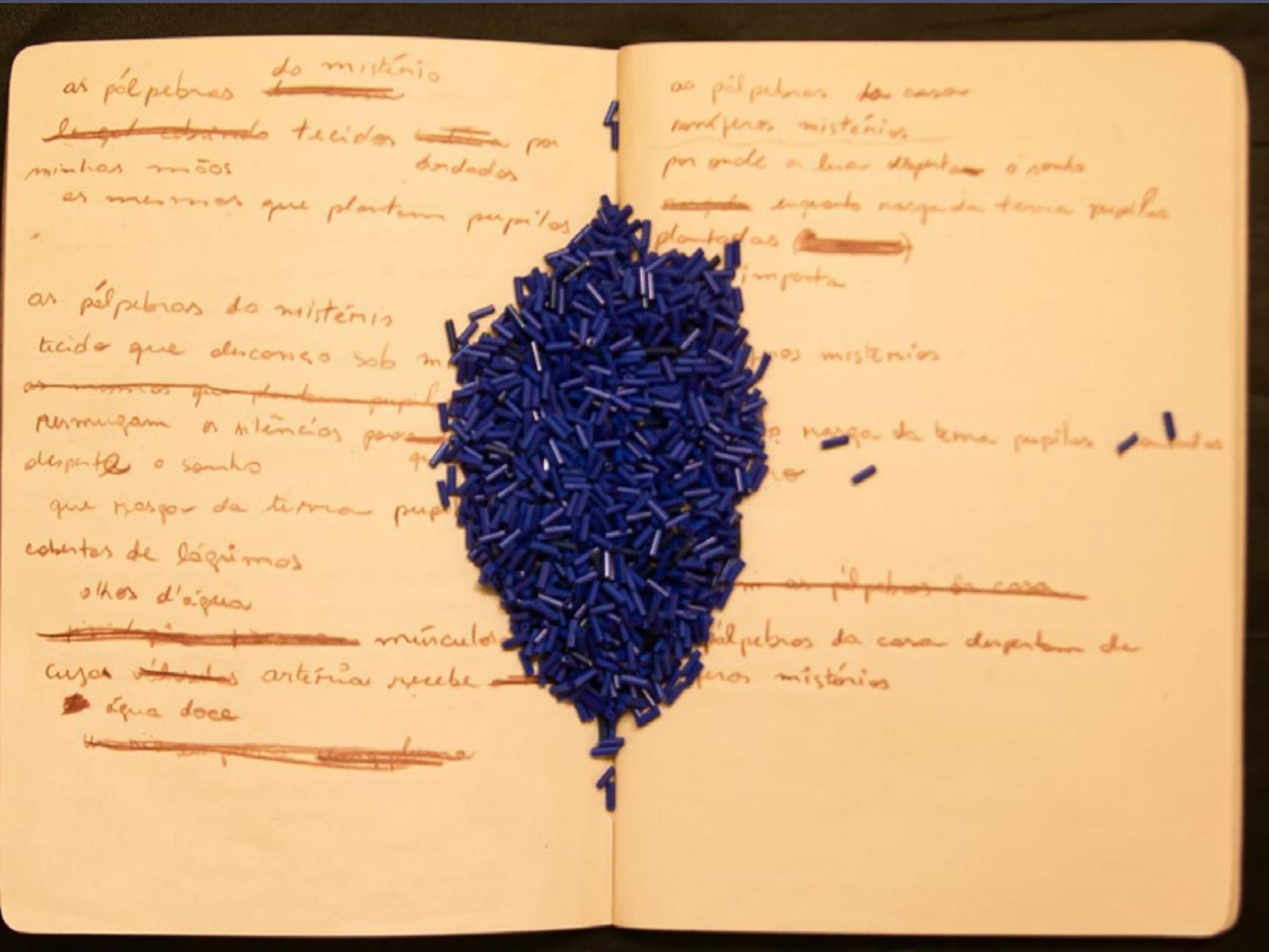
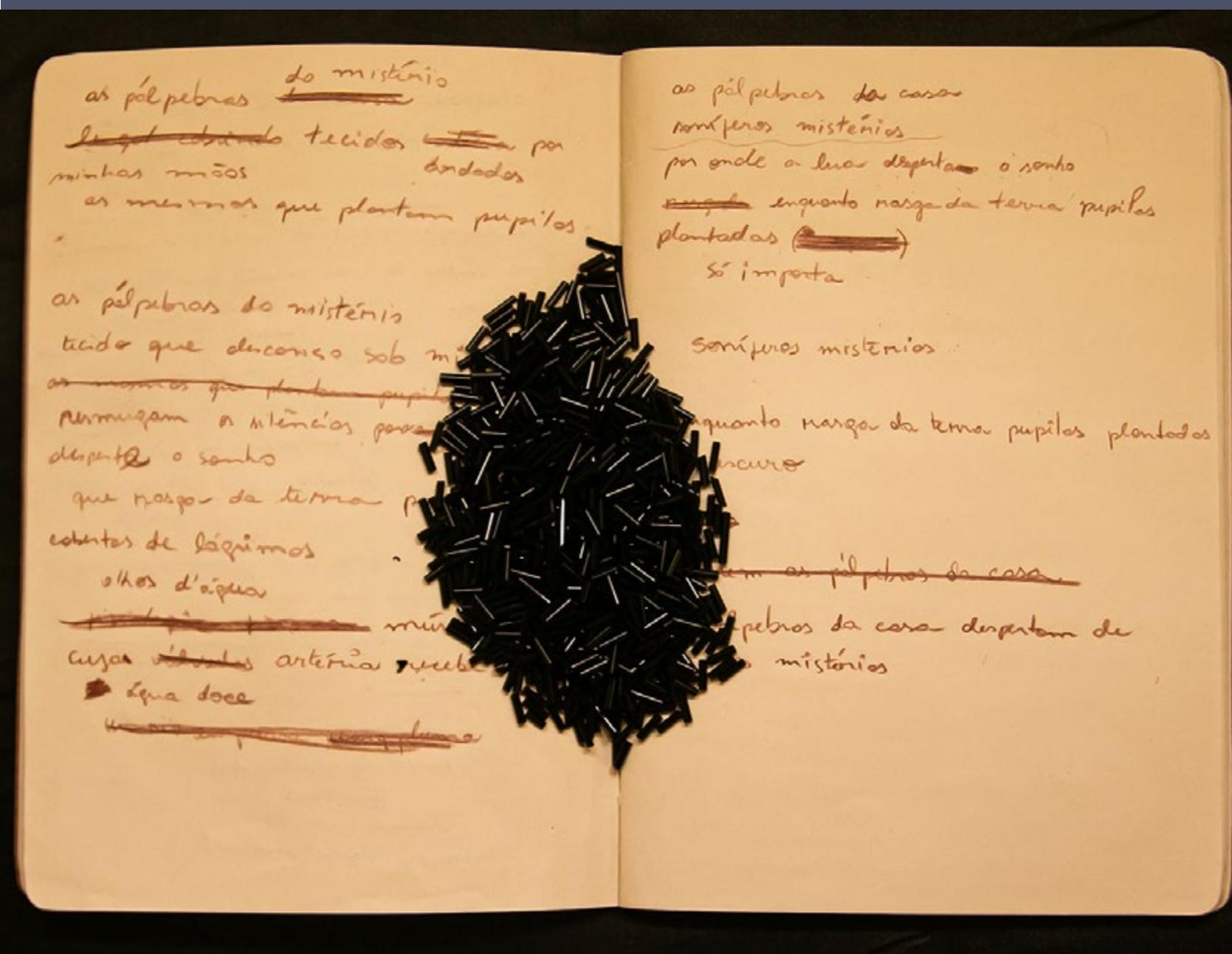


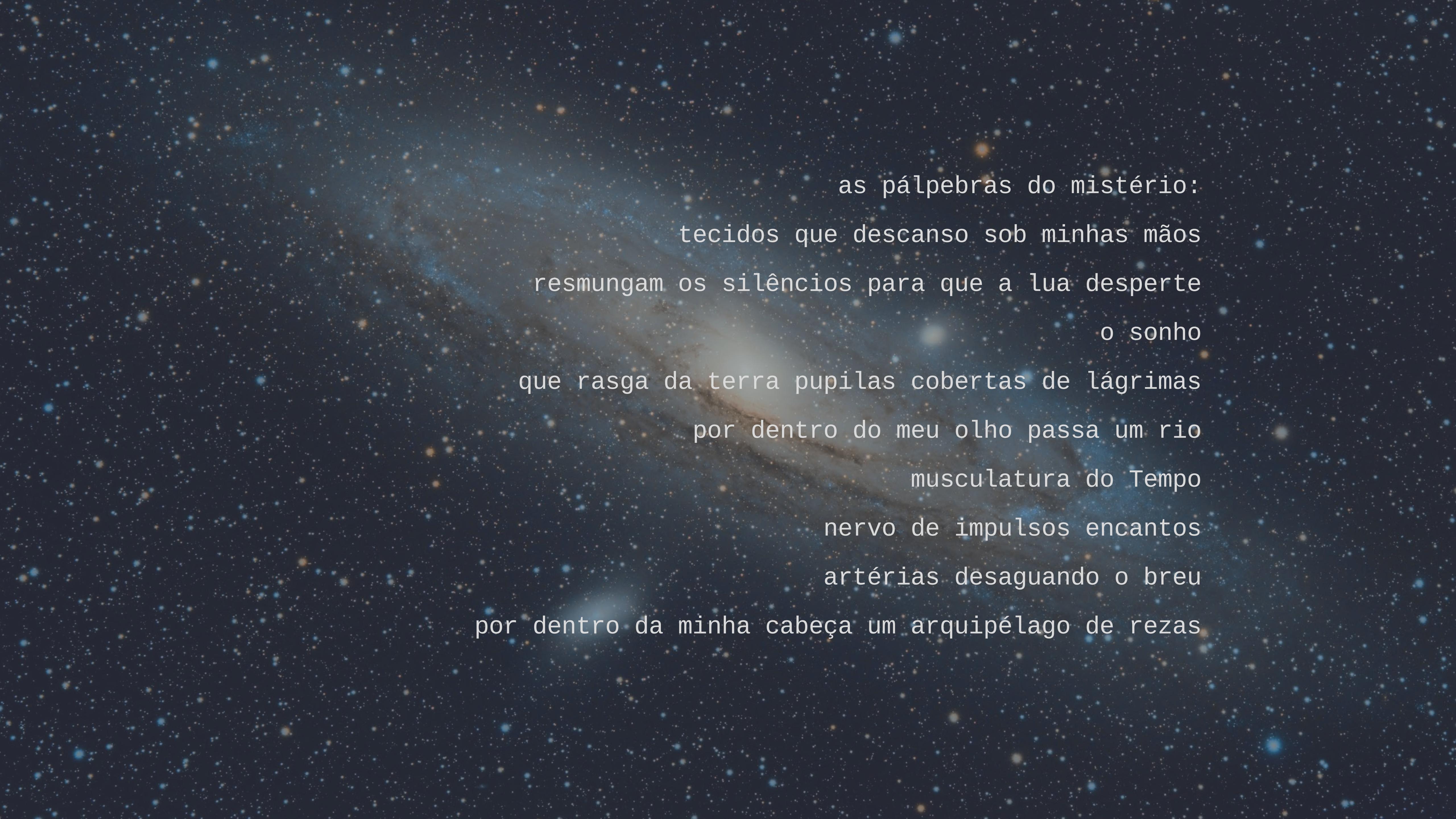
**"Mundiada"** é itinerância pelo breu do silêncio. Sussurro do que vive no fundo. Um calar-se profundo de um mergulho. Uma visagem que se enxerga nas frestas da visão.

Um sonho colhido das águas. A mudez capaz de ser reza. Encantados dançando entre missangas. Versos e costuras por onde refaço meu mocambo e sintonizo as vozes da minha linhagem no timbre da minha garganta, na agulha que seguro entre meus dedos.









as pálpebras do mistério:  
tecidos que descanso sob minhas mãos  
resmungam os silêncios para que a lua desperte  
o sonho  
que rasga da terra pupilas cobertas de lágrimas  
por dentro do meu olho passa um rio  
musculatura do Tempo  
nervo de impulsos encantos  
artérias desaguando o breu  
por dentro da minha cabeça um arquipélago de rezas









AZIZA EDUARDA

**“a casa de Orí”** é um processo de investigação multilinguagem que traz como tema central o encontro de negros em diáspora com sua ancestralidade. Orí, que é orixá, é também o destino escolhido por cada um antes de vir ao mundo. Conta um itan iorubá que cada pessoa escolhe na casa de Ajala, oleiro, sua cabeça e consequentemente o seu destino. Desse princípio é feita a primeira peça em terracota.





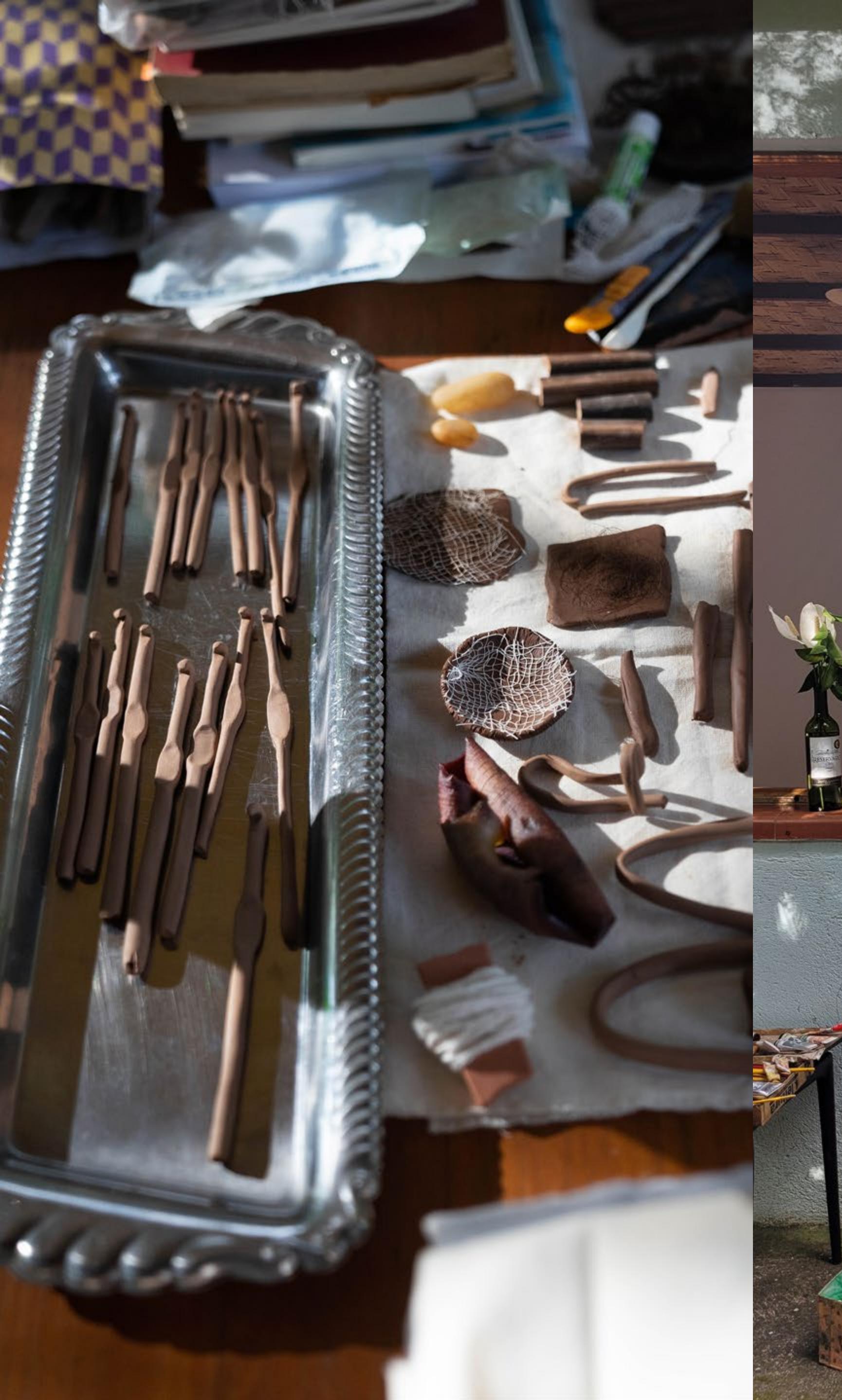
Pensar ancestralidade africana é de fato imergir em águas escuras, do índigo ao preto. Nesse segundo ato, Orí ganha tons de Wàji e é a figura que toca sutilmente a cabeça de sua devota. Na dualidade presente na pintura, podemos ver África e Diáspora, Ayê e Orum, Orí e Ile Orí. Enquanto elemento escurecedor, o índigo é tecido que recobre a escrita em imagens noturnas. Daí a proposta de título “Escrever no escuro” - citação de Conceição Evaristo. Pensar o caminho de retomada é relembrar a prosperidade, assim como a casa de Orí (Ile Orí) é coberta por búzios, a figura que recebe Orí, casa de seu próprio destino, também é.





Aziza Edwards











Mais do que qualquer coisa, os momentos de troca, conversa, diálogo e atravessamentos coletivos são o que me movem a produzir, a propor experiências como essa. Desde 2013, quando realizei minha primeira experiência em arte e produção, *A Mulher e a Raiz*, o encontro entre mulheres vem sendo pautado como ferramenta de construção de conhecimento, de criação artística imagética e de significados. Essa residência de 2013 aconteceu na Lapinha da Serra e a base da pesquisa era a troca com mulheres da cidade: lavadeiras, cozinheiras, parteiras, raizeiras, suas histórias e vivências. Nesse processo, Renata me apresentou para Catarina e demos início ao percurso do Coletivo Naiá.

O Coletivo Naiá, antes de tudo, foi um espaço de compartilhamento e crescimento conjunto entre nós três - Renata, Catarina e eu. As pautas das nossas reuniões não se limitavam ao trabalho do coletivo, mas passavam por assuntos relacionados a questões de gênero, maternidade, arte, mercado de trabalho, objetivos de vida, dificuldades e opressões, planejamento de vida, relacionamentos, organização da rotina, amizades, segurança financeira, sonhos, objetivos e desejos, entre outros infindáveis assuntos e possibilidades de troca. Uma estava sempre auxiliando a outra, fornecendo opiniões e sugestões em seus percursos, trabalhos e escolhas.



No período de 2015 a 2020, realizamos o projeto Mulheres em Círculo, um mapeamento fotográfico. Ele veio do desejo de ampliar essa vivência para a troca com outros agrupamentos formados por mulheres. O objetivo era ampliar o diálogo, conhecer outras realidades, entender outros formatos. Fomos, então, ao encontro de 55 iniciativas que fortalecem mulheres na cidade. O ponto alto, para mim, foram os momentos que





chamei de “café com bolo”, nos quais levávamos um lanche, nos reuníamos em torno de uma mesa e conversávamos sobre os trabalhos desenvolvidos, as questões, dificuldades e melhores histórias de cada uma daquelas mulheres e propostas mapeadas.

O Mútua, por sua vez, é um desdobramento desse processo, agora focado nas mulheres das artes visuais, mas que não perde o que há do convívio, do estar junto, do ouvir as histórias, contar as suas e se nutrir pelas trocas, pelas vivências e fazeres das demais artistas com quem compartilho o meu fazer. Foram encontros de muita abertura, confiança, desafios de produção, encontro e conciliação de vontades e desejos, além de muitos aprendizados e possibilidades de expansão.







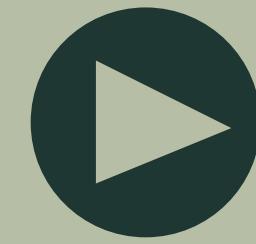
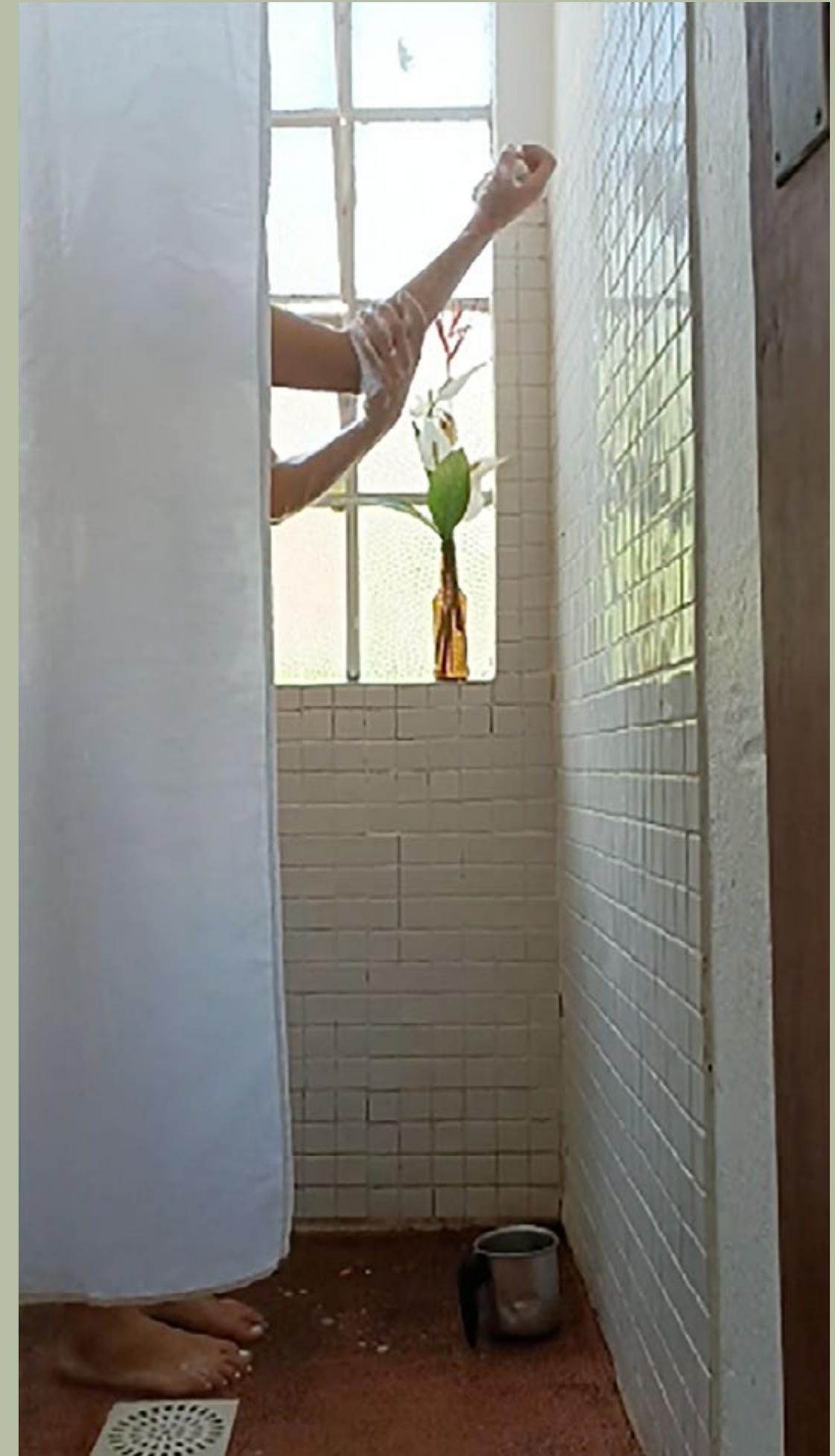




**MARUAIA**

## **Residir: morar, estar estabelecido.**

Residir no processo, em convívio com outras. A experiência exige preparo, um descanso da realidade cotidiana, a fim de se estabelecer um outro estado de atenção. Recolho imagens de uma tia morta, reportagens de uma escolha trágica, objetos de memória familiar. Reúno e organizo materiais de arte, possibilidades disponíveis à presença da criação.



## **Residir: ter seu lugar.**

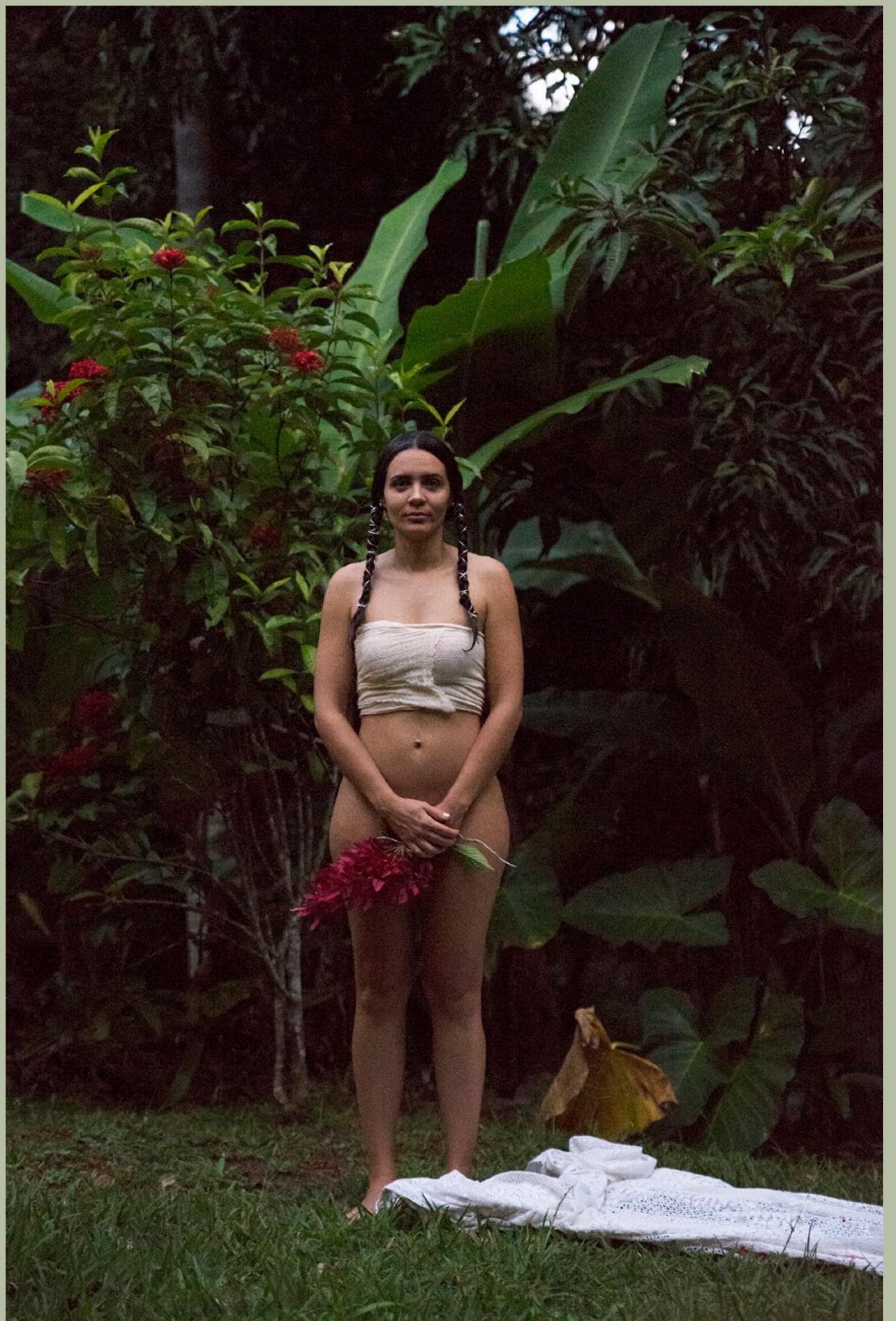
Residir na criação, estabelecer espaço de mergulho tendo vizinhança. Os processos dialogam, se encontram, se afastam, se ajudam, se atrapalham. Estar entre mulheres criando em uma dinâmica cotidiana de preparar o alimento, comer com companhia, manter os próprios rituais de higiene e sono, estabelecer momentos para falar sobre as pesquisas, compartilhar intimidades, aquietar-se. Descobrir seu funcionamento individual, seu tempo e modo de criar em meio a outras.



## **Residir: ter seu fundamento.**

Residir na história. Buscar narrativas, inventar memórias. Redesenhar imagens consolidadas no pensamento como as estátuas de mármore, repetir gestos. Ritualizar fazeres cotidianos. Performar. Observar registros. Escutar com o corpo inteiro as pistas que o vazio dá. Abrir caminhos para assentar meu corpo fêmeo no vermelho intenso e vivo que faz apelo à vida. Desnudar. Criar espaço para inventividade.

Restabelecer o chão, ao caminhar [re]escrevo história.







Obrigada pela paciência.

Me roubaram a fala e já nem sei se conheço a minha voz.

Me roubaram a expressão autêntica e há muito não sei ser eu mesma sem ajuda de substâncias que me embriagam e tiram o filtro da moralidade sobre meu corpo de mulher.

Me roubaram o afeto, corromperam o que imaginava ser afeto, me ensinaram a amar a violação da minha dignidade.

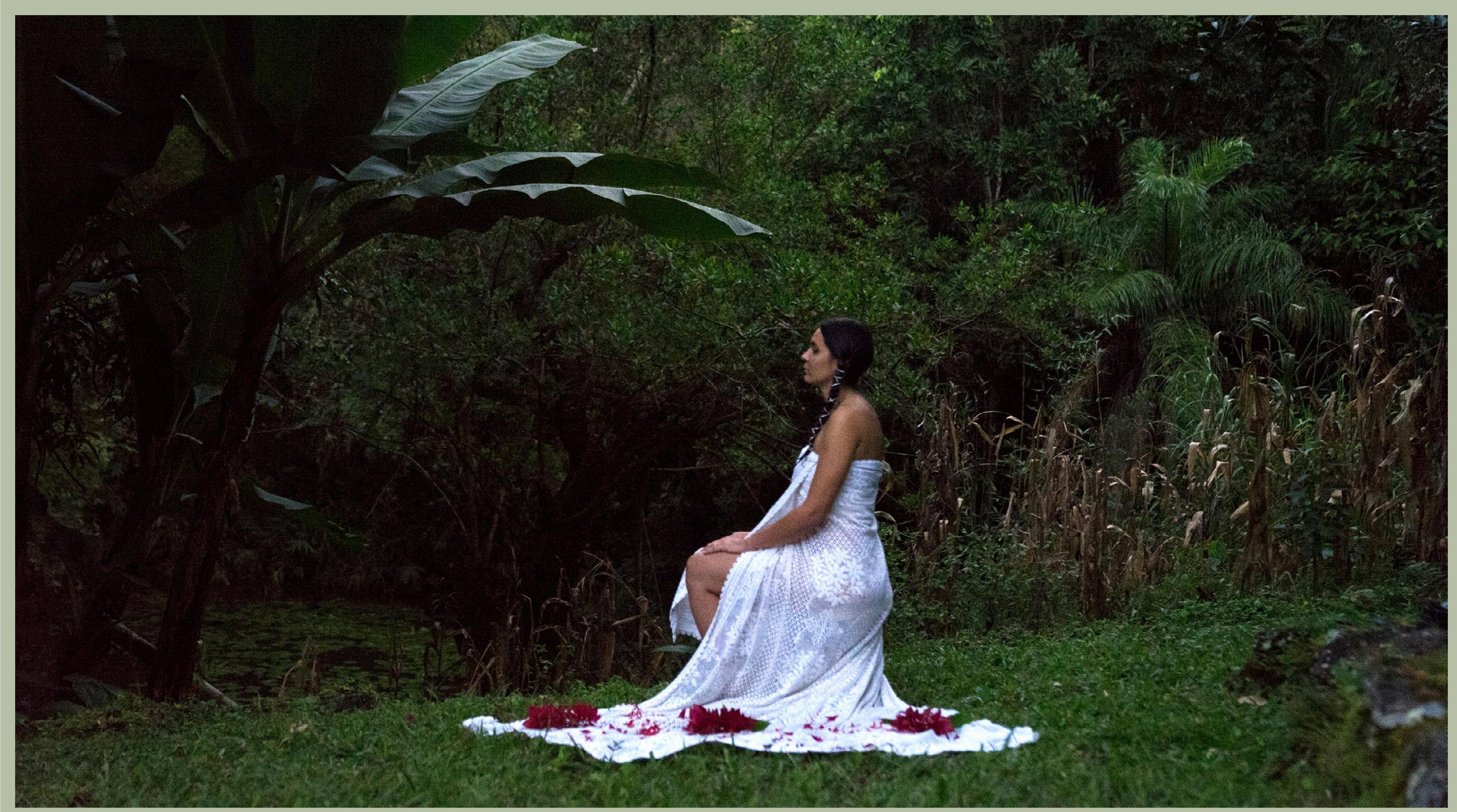
Me roubaram a beleza, a alegria e a vivência positiva entre mulheres.

Me fizeram sentir inadequada a maior parte do tempo.

Me fizeram acreditar que a linhagem de todas nós estava fadada à paralisia.

Mas não quero que me roubem a juventude.

Eu me recuso a morrer em vida.







**RENATA DELGADO**

Pause por um instante  
Respire profundamente.

Vou te fazer um convite:

Um convite a acessar lembranças  
Daquelas que nem sempre queremos  
lemburar  
De perdas que deixam saudades  
Das dores que ainda doem e que você  
foge de sentir.

**Respire.**

Agora, se atente ao seu corpo.

Quais sensações estas lembranças te provocam?

Um aperto no peito...

Um incômodo...

Uma tensão...

Onde?

Sua respiração mudou? Como ela está?

Existem águas? Como estão os seus olhos?

**Respire.**

Se atente às sensações.

Deixe a mente de lado por alguns instantes, ela tem o tempo dela.

A quanto tempo você não permite  
que seu corpo seja o seu guia?

### **Sinta! Respire e sinta!**

O luto é sobre travessias para se deixar ir.  
Para soltar.

Morte e vida coexistem. Caminham lado a lado.  
Futuro, passado, presente coexistem.  
Sendo assim, como @ adult@, criança, anci@  
que você é se acolha.

Qual é o gesto que seu corpo te pede agora  
para se acolher?  
Faça!

Respire e faça.

Respire e celebre a sua vida em sua honra e  
em honra de quem/do que se foi.  
Do que se é.



**“Anatomia do luto”** é uma pesquisa/rito/performance de busca por materializar sentimentos provocados por experiências de perdas. É um espaço para deixar o corpo expressar intuitivamente o sentir. É um convite para trazer para a pele, para o gesto, para a superfície: a expressão. É aquilo que muitas vezes não é compreensível à mente, mas necessário ao corpo para dar vazão, ressignificar, compreender, seguir em frente.

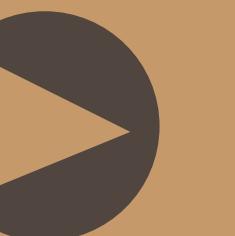


## Anatomia do Luto I - trazer à pele o sentir.

Um convite a lembranças dolorosas da experiência de testemunhar a perda de capacidade motora de minha avó.

o local, um bambuzal que atrás de mim estava já ressequido morrendo e, em minha frente, verde, nascendo.

A ação: passo uma matéria orgânica pegajosa em meu corpo, na intenção de gradativamente cercear minha capacidade de movimento. Simbolicamente adicionando e depois retirando uma pele que não é minha, deixei a expressão acontecer de forma caricata e intuitiva. Uma performance de aproximadamente 2h que me colocou em contato com sentimentos, gestos, memórias que evitava recordar. Performar para diluir raivas, ressentimentos, culpas.



## Anatomia do Luto II - Trazer as águas

Contem. Fluo.

O espinho da rosa me fura o peito.

Sinto. Aquieto.

Evoco o movimento das águas internas.

Em um tempo dilatado, me propus a entrega,  
a aceitação do que foi, como foi, e não  
como eu gostaria que tivesse sido.



### Anatomia do Luto III - Nutrir



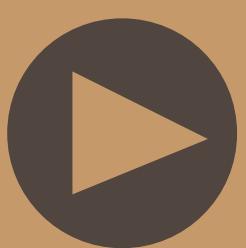
Recordo a memória da última frase que tenho em mente de conversar com minha avó, ela me pergunta:

"-Quando você vai vir para gente fazer doce de leite?"

Faço então o doce no tacho de cobre, herança.

Durante, aproximadamente 5 horas, acendo o fogo do fogão a lenha, preparamos os ingredientes e mexemos em movimentos circulares, pacientemente, cantando memórias afetivas de experiências de alegria, sorrisos, boas conversas e rezas junto a ela. Me nutri e partilhei o doce com outras pessoas, num gesto de adoçar o amargo que o luto pode trazer. Me nutri, me acolhi.

Esses foram os gestos da adulta, criança, anciã que sou. De mim que sou neta e também sou ela, minha avó.



Qual é o seu gesto?

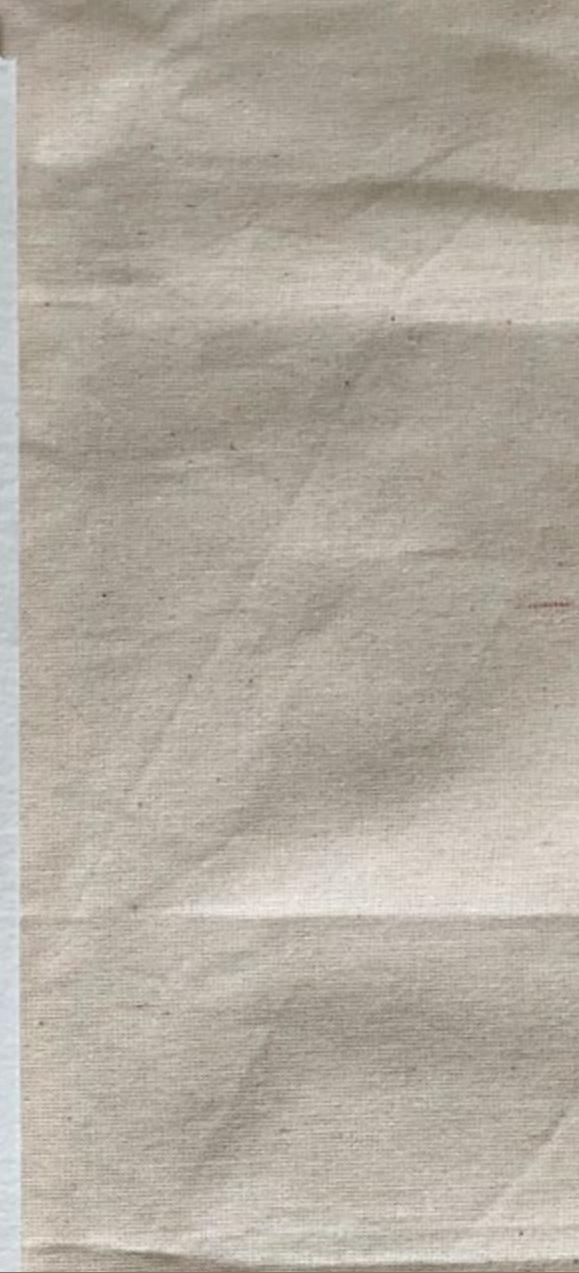
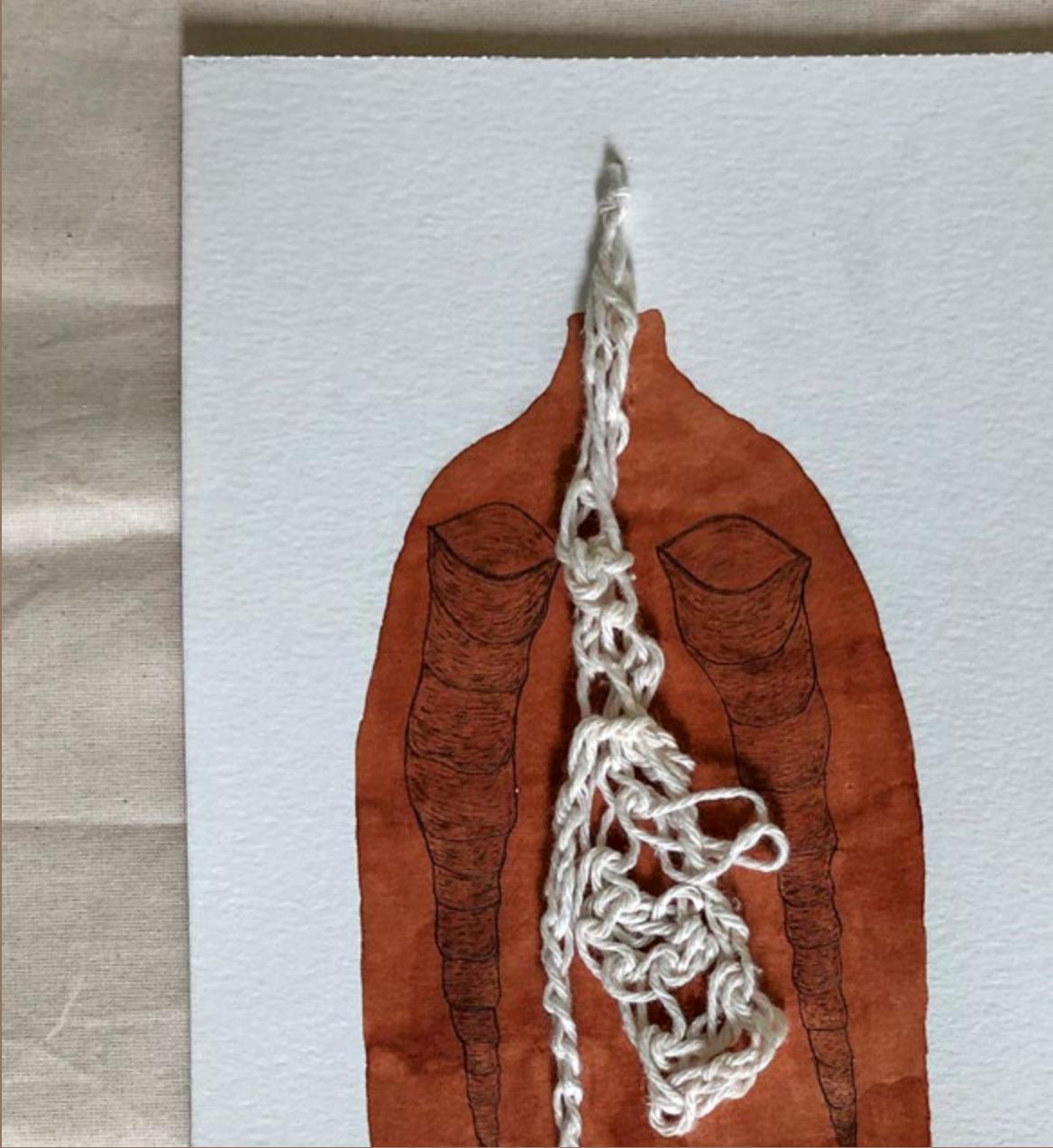
Faça.











AZIZA

registro afetivo do povo preto  
- "Preto Novos": uyrá sodoma  
+ Rosana Paulino: colagens

«TUDO QUE EU TOCO É OURO»  
projetar possibilidades prósperas para pessoas negras  
+ os dedos dourados de nossas

ANTÔNIA

«TISSURADA»  
lábio leporino | o lugar do hospital  
registros: autorretrato  
nunca houve uma intenção artística, mas  
uma necessidade  
"anomalias do rosto do crânio"  
— o frontírio  
olhar para minha trajetória na terceira pessoa

CATARINA

um assunto inegotável  
mulheres que eu quase não conheci:  
o lugar da mulher no mundo  
as violências: marcam o corpo — negação

buscar a textura (materialida) da hospitalização; gazes  
«COMPRESSAS»  
o resguardo . operatório  
o gesto cirúrgico  
— CHAMAMENTO DE PATELÂNCIA  
imagens fundamentos: da experiência  
trabalhar a agulha como a flechada:  
as duas pesquisas se tocaram  
relação com a saúde, o resguardo  
"me tornar uma cirurgiã do mundo  
sou encantado"

— me dar uma nova possibilidade de ser mulher: um novo corpo.  
"eu tenho muito mais memórias e narrativas da dor"  
dar, para aquelas que não estão mais aqui, uma memória de afeto: como?  
"eu me parecia mulher com ela"  
- fonecia vicêncio, lena d'arc, flávia leme  
- vovó esther: ~~eu cuido é igual o dela~~  
— será que vou terminar como ela? (adoecida na cama, 100 anos)  
«O CHÃO SAGRADO»  
a cosmogonia do pote  
candomblé: as experiências com a natureza  
o corpo modelado de barro.  
reencontro com a morte: outras, significadas

"o meu pote é forno para a quima das máscaras dele"»  
um caminho entre a violência e o afeto  
a reconstrução do corpo

RENATA

performance  
registro das histórias: escutar  
"o saber que tem a ver com a vida"  
trama: vai e volta milhões de vezes  
ocupar espaços variados: em ruínas, inhabitados  
recortes na paisagem (arquitetônica) — brigida baltar  
"a mulher é o lar"

LINA

fotografia  
"a mulher e o lar" — recuperar a casa com o corpo.

encontros mais propostivos  
a fotografia: em troca, com mulheres, com espacos.  
autorretrato: sobreposições  
— as contradições: tb como conceito  
"trazem mais comunicação reflexiva com as imagens".  
Retratos: dentro das contradições de cada uma

EM TORNO DA MATERIA

o corpo e a experiência  
a voz: um pouco mais quente do que a escrita.

num espaço inicial lidar com o tempo

um exercício de nota: <sup>um</sup> universo do tema e da temsa.  
a insistência  
se deixar levar pelo fulgo da coleta a coleta dos dias  
o que me lança  
o que me edoca  
o que me aproxima das coisas

a captacão NOTAÇÃO  
do que me chama, que me faz parar

o caderno  
como uma superfície de recepção  
ler o tema como ele está se formulando no conjunto das notas

[ código de linguagem e matéria ]

há muitas tangências entre as nossas matérias.

mostrar mais

a raiz

as extensões

a atmosfera

das tangências

criar um enxerto

transportar coisas de outros lugares

o ritual do diário

e aprofundar nas nossas superfícies

o que se partilha no caderno não é necessariamente o que vai vir ir a mundo em termos de imagens e de escrita.

anotação despretensiosa

uso não necessariamente linear, apesar da sequência de páginas, do caderno.



## O P E D R I N H A S E R I C O S E L M A R C A S

combinações podem surgir como se a gente tivesse entrado num certo navio.

08.04  
se tinha casa no mar devia ter casa no vento também minha mãe disse que tinha ... porque havia dentro barro dentro do barro tinha uma casa

pedaço de pano

um longo pedaço de pano que me provoca pano de chão

a letra virou língua  
no liso, no longe

colher  
colher  
à colher  
recolher  
separar, extrair  
juntar, reunir  
separar fruto e flores  
ou folhas  
retirar  
pegar, espanhar  
coleter  
colecionar  
abrigar, acolher  
receber

mais esquisito ainda, e se o inicio era só uma palavra, o que garantia que ela não fenderia, de um momento ao outro, o seu significado?, quando aqueles que a compreendiam deixassem de existir, restando apenas um idioma estranho numa capsula à deriva, hieróglifos, palimpsestos, e ela foi tomada por uma onda de favor, que pensamentos eram aqueles, não eram seus, não podiam ser seus, teria morrido, feito a avó?, afinal, o que a diferenciava da avó, que certeza ela tinha da própria existência?, olhou em volta novamente, talvez, se falasse com alguém, pedisse uma informação, se respondessem é porque ainda estava viva,



“for alguns segundos ficou sem saber o que fazer, mas acabou seguindo adiante, mas pelo impulso mecânico da caminhada do que por uma decisão, o movimento fazia com que as coisas se reordenassem de forma incomum na sua mente, sentia que pouco a pouco ia se afastando de si mesma, e aquilo que ela era se transformava numa roupa que agora tirava, seu nome, seu passado, o lugar onde morava, sentia que o corpo adquiria vida própria, o corpo sabia coisas que não contava a ninguém. ela olhava em volta assustada, não tanto com o entorno, mas com ela mesma, com as palavras que surgiam, o que estava acontecendo com seus pensamentos?, era como se não fossem dela, ou fossem dela desde sempre,

desde um mundo ANTERIOR, no qual ela não existia, pensou, um mundo em que o desenho do animal ainda era o próprio animal, e bastava desenhar a sua morte para que ele morresse, a representação do ato invocando o próprio ato, feito palavras mágicas, ou um mundo mais primitivo ainda, no qual as coisas ainda não tinham nome e se misturavam umas com as outras, ela continuou pensando, E SE O INÍCIO FOSSE UMA PALAVRA?, o surgimento do mundo a partir de uma única palavra, alguém pronuncia “mundo” e o outro que ouve “mundo” e ambos comungam desse significado, e se envolvem nele, e o vestem como quem veste uma capa que recobre o vazio, o inicio do mundo apenas isso, uma palavra compartilhada?, e veio-lhe então um pensamento

mais esquisito ainda, e se o inicio era só uma palavra, o que garantia que ela não perderia, de um momento ao outro, o seu significado?, quando aqueles que a compreendiam deixassem de existir, restando apenas um idioma estranho num capsula à derivados, palimpsestos, e ela foi por uma onda de favor, que mentos eram aqueles, não eram não podiam ser seus, teria m a avó?, afinal, o que a diferenciava da avó, que certeza ela tinha da própria existência?, olhou em volta novamente, talvez, se falasse com alguém, pedisse uma informação, se respondessem é porque ainda estava viva,

mas e se a atravessassem feito um fantasma?, prefiriu não arriscar e CONTINUOU ANDANDO. »

HERANÇA

HERANÇA : o que a gente recebe  
 um nome  
 uma imagem (semelhança)  
 uma história (triste, feliz, dramática)  
 « voltar, quase sempre é partir  
 para um outro lugar »  
 — a importância que o cabelo tem  
 encontrar/identificar: o vínculo, o afeto  
 [textura da cena: a brecha, o rasgo —]  
 o pulso de vida que se mantém ]  
 « ela nunca tá só »  
 EXTINTA - EXTINGÃO  
 uma herança narrada  
 o cabelo como uma expressão externa  
 Rowland Abiodun  
 desaprender a chorar: aprender de novo

um corpo forte  
 viver o silêncio  
 da que me ensinou a rezar  
 outra(s) rezais )  
 eu ainda não tinha dado nome  
 o quanto de vida se perde quando  
 alguém morre: o que desaparece junto  
 a partida o distanciou do próprio  
 destino  
 DESTINO - DISTÂNCIA  
 « chão e destino andam em círculos »  
 — muito orientação: profundamente orientadas  
 com qual herança eu vou voltar?  
 voltar com alguma coisa na mão:  
 a mão em cima: como quem recebe ou  
 faz uma oferenda.

um corpo forte  
 meu corpo se remetendo, me dizendo que  
 alguma coisa precisa mudar.  
 « um processo estranho, de saber que eu  
 tinha que sair »  
 — o nome completo  
 tem coisa que a gente pode contar  
 tem coisa que não pode  
 « uma viagem que eu fiz: para casa »  
 a linha do fundo  
 um olho d'água, doce  
 eu fô andando e encontro uma renda no chão  
 procurando no sonho quem fosse me ajudar  
 essa falta de chão  
 — onde seu umbigo ta enterrado

o que eu fô construindo:  
 « eu construo sonhos bonitos »  
 fique estressada, nervosa, triste...  
 olhar coisas bonitas:  
 « encorjar a beleza onde meu coração alcança »  
 o tempo  
 vai mudando a gente, vai mudando os traços,  
 acrescentando coisas.  
 eu nunca tinha pintado um painel  
 no tempo  
 retomar os desenhos  
 continue se movendo: se você estiver num  
 lugar des confortável, continue se movendo,  
 se você estiver num lugar confortável, con-  
 tinue se movendo.

A MAGA  
 SOZINHA E TOTALMENTE RESPONSÁVEL  
 POR SI, A MAGA TEM AO SEU ALCAN-  
 CE TODOS OS NAMPS DO TÁRTO, COPIS,  
 OUROS, ESPADAS E PAPO. TUDO ESTÁ DIS-  
 PONÍVEL E CABE A ELA DETERMINAR  
 O USO QUE FARÁ DE SEUS ESFERIMENTOS,  
 QUE MANIPULA COM A VARINHA QUE TRAZ  
 EM MÃOS. ESSA CARTA ESTÁ LIGADA À  
 UTILIZAÇÃO DO PRÓPRIO CONHECIMENTO  
 E DOS RECURSOS QUE APARECEM PÔLO DA  
 MINHA CRIATIVIDADE, FORÇA DE VONTADE  
 E CAPACIDADES ÚNICAS.  
 AFIRMADO: EU DOMINO O QUE TENHO  
 EM MÃOS E REALIZO A PARTIR DO MEU  
 TALENTO

14 DE ABRIL DE 2018  
 36% planta. implantada. 36% maria, 36% uiz.  
 cartografia da passagem do tempo na vida de uma.  
 Raiz. eu sou aquele retrato tallhado. pequena cordilheira de antigamente.  
 todo santo dia, quando assiste à morte. o que desaparece junto com  
 5 ANOS DEPOIS, O QUE SERÁ  
 QUE RESTA DE SUA MATE-  
 RIA, EM SEU SEPULCRO?  
 E O QUE DE SUA MATERIA  
 SE PARTIU EM PARTÍCULAS  
 PARA SER PARTE EM OUTRO CORPO?  
 a raiz da minha cabeca.

Sairam as pesquisas genéticas: 36%  
 36% angelina e 36% esther. 36% pi-  
 nheiro. esse lastro, não se sabe de onde  
 MINISTÉRIO DA GUERRA  
 CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1ª CATEGORIA  
 N° 100734

36% terra. para quebrar coisas. a terra: ali, onde  
 estou plantadas nossas avós.

olhando o tempo renascer

e sonharem bem aqui, no fundo desse chão.

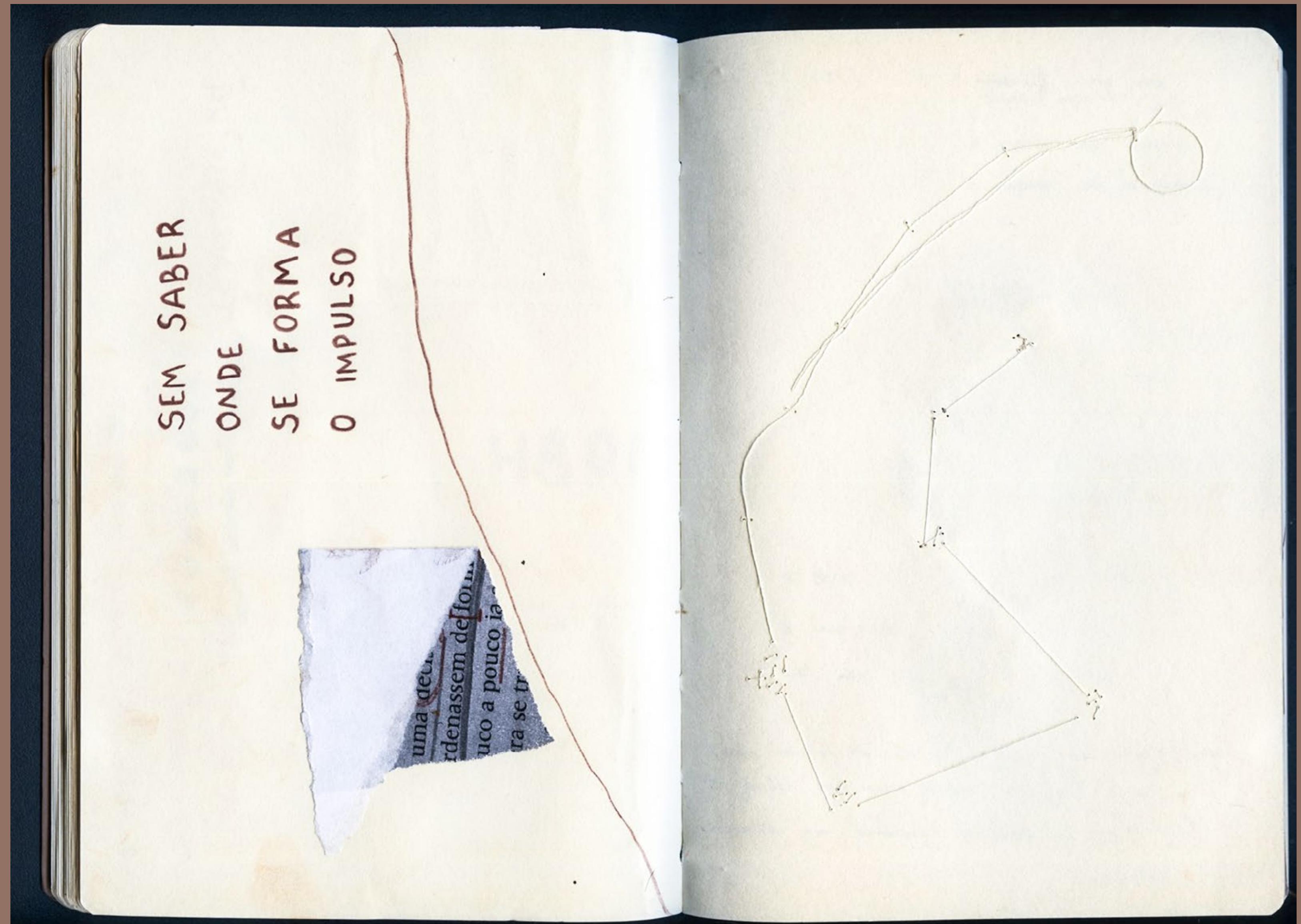
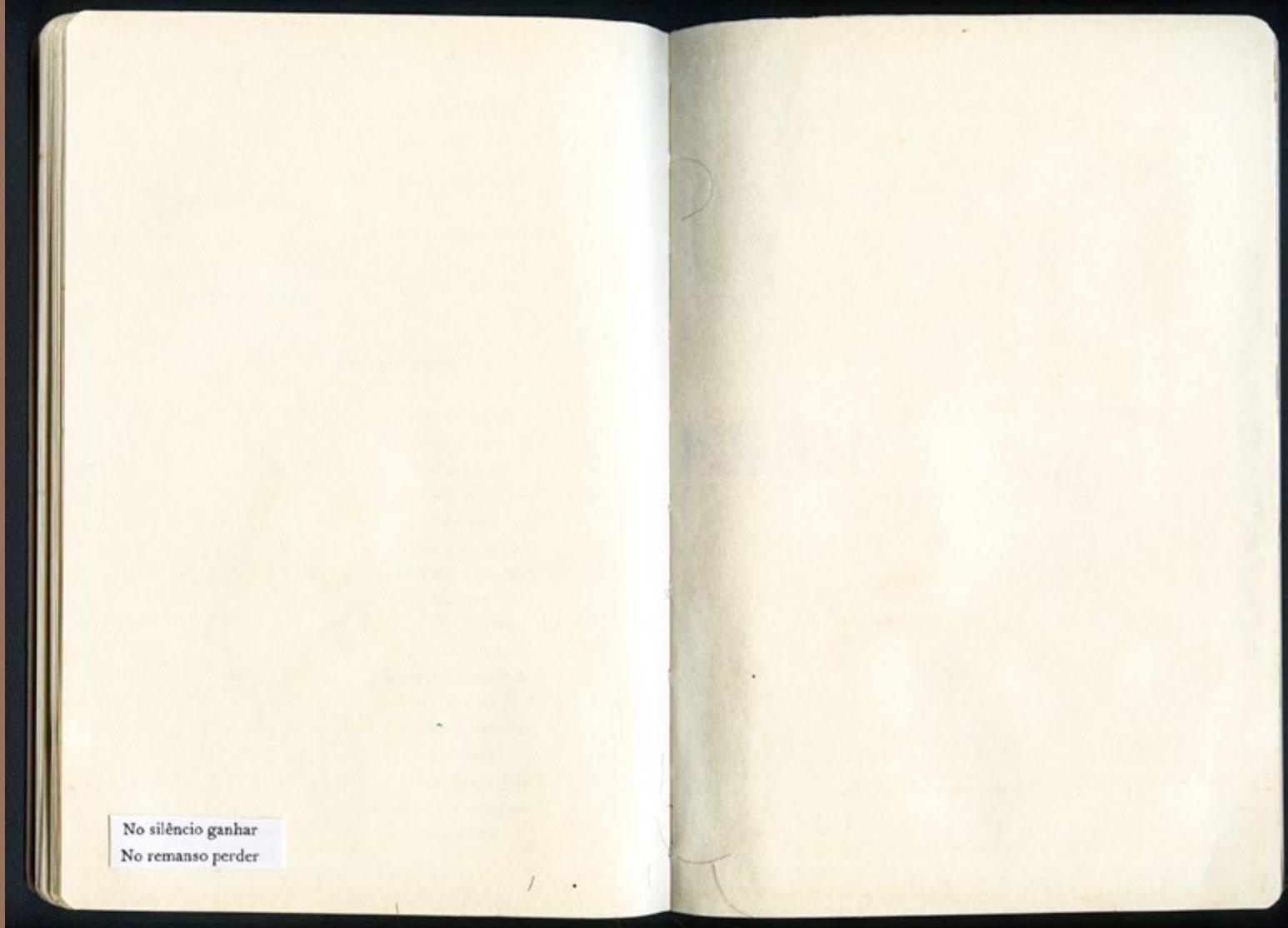
como as sementes  
que podem ficar anos  
guardadas no escuro  
longe de terra e água  
protegendo as memórias  
vitais para virar floresta  
nós podemos ser tudo aquilo  
de que nos lembramos.

dentro do meu quarto  
um cavalo vela o meu sono  
sempre que rompe a imobilidade  
e o chão flutua a permanência  
abraço sua crina

como se fosse o báculo de novos tempos.

Antonia Nayane, em Abraço sua crina.





ser em fluxo



tudo aquilo que  
é capaz de morrer  
é capaz de renascer

esse é o final  
mas também é o início  
o antes e o depois

os ritos que dão vivacidade  
e não fortificam.

A PELE DA TERRA É SEM COSTURA.

O MAR NÃO PODE SER CINGIDO,  
ELE NÃO PARA NAS FRONTEIRAS

(como nasciça eu não tenho país... no entanto, todos  
os países são meus porque sou a irmã ou a  
amante em potencial de todas as mulheres)

mendieta

«transferir o pelo de uma pessoa a outra ...  
creio que me dá a força dessa parceria »

pessoa  
herança

a forma como  
o pelo cresce  
onde cresce  
e a significação  
que as civilizações antigas  
lhe outorgam

evocar o sangue pela escrita o tecido como eco: a forma da vida ecoada em memorial

TUDO QUE DESENHA  
NÃO CONDIZ COM MINHA LETRA

---

CORPOS QUE SAEM DE CASULOS  
a transformação  
de prolifera livremente  
a ideia de vida  
organismos em transformação  
referência  
noção de vazio

AMARRAS  
CINDIDAS  
MESCLADAS  
RECONSTITUI

uma avó sem rosto  
fios, pilos e algodão  
costurar elementos  
uma avós sem rosto:  
ela tecia como nós  
o ovo  
e a herança  
natureza subjetiva da matéria  
recontar mitos  
a humanidade primordial  
se metamorfose  
nos seres da natureza  
são como nós.  
a herança, os organismos,  
as metamorfoses.

se mostramos o começo de algo,  
podemos também decretar seu fim e proclamar a vinda de alguma outra coisa

se mostramos que alguma coisa  
começou  
e veio a ser num dado momento,  
então retiramos dela seu fôlego,  
pois fica claro que ela não vigorou  
sempre nem está destinada a vigorar  
eternamente

esse é o procedimento  
geneológico - desestrutivo.  
mostrar a gênese é desconstruir  
e abrir novas possibilidades

os acontecimentos  
um movimento vital invisível  
ROMPANTE E REBENTO

escuro  
rompe todo santo dia

escrever no escuro, no corpo

perfumar e da maluza da aguia  
luminaria impetuosa das estratégias do rompimento

Trabalho diariamente em meus a montes de palha  
em fio as linhas de palha, que tu nões se noca e fio  
as linhas de palha; os montes só merecedor parecem bonis  
bonitos, unhas cidades de terras que arrancou o fano das salas.  
fio os fios que nos furo ati formar unha hama, as regas que  
bilkas unhas faricas regicinas, discordias no meio das palhas;  
as sara-lanhos raias finas, a hama malha tomâme devor a morteira  
muncis novos, que eu não tinha percebido — mas eram a mundo raro  
normalmente e que acontecia com dene depois olhar outro é que  
eu fio as linhas de palha, em fio as linhas de palha, em  
fio a palha.

2 mal nigo a poila  
do solo que duas das  
palhas que crescem,  
estão sempre muitas altas,  
terrás totais,  
edificios,  
montes unidos da palha.

# COLETA DA QUEBRA

Busca da fisionomia  
essa avó sem rosto

pedra: itaqui

"eu sonhei com uma gramática"

ficar sem um território  
contava repetidamente

— a arqueologia que se faz  
e juntamento de repertórios

MITO

o corpo de barro

a incompletude da imagem  
a inoperância da ferramenta

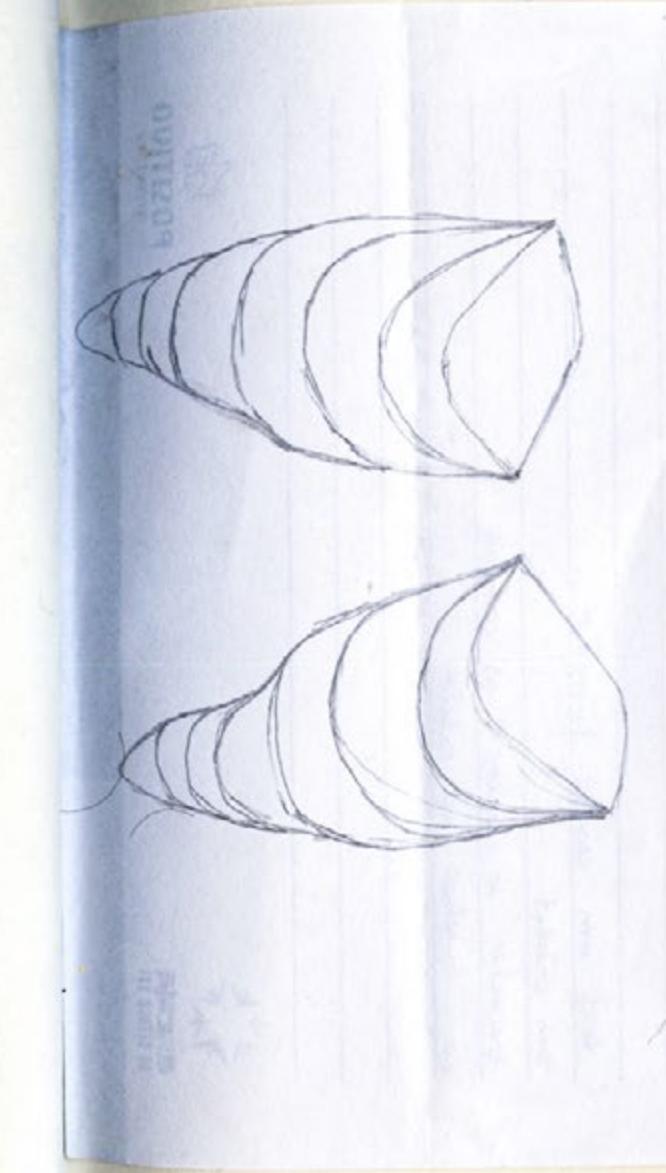
o barro permite modelar essa identidade  
ponto do coração: é a ausência do rosto  
ou a presença colo



"uma agulha fútil  
alimentada pela raiz  
onde estão plantadas  
moras avós"



COSTELA - CASULO  
PULMÃO  
O QUE OSSOS GUARDAM  
O QUE OS VEIOS TECEM



MECHA - ENTRANHA - FIO

VÍSCERAS VISTAS

O INOPERANTE DA OPERAÇÃO

A FERRAMENTA FRÁGIL

AMEAÇA DA QUEBRA,

PONTO A PONTO.

O (QUE FICA) TECIDO : ENTRE OS DEDOS

(A) MATÉRIA TECIDA.

MOSTRA-SE

O FIO, (O ÍNFIMO)

(O ÍNTIMO)

A PELE

ENOVELANDO GESTOS

COM JULIA

envelopar  
envolver  
envolver  
envolver

começo  
mecha?  
mecha?

TECER CÁSULO METAMORFOSE DAS ENTRANHAS

CABECA

CABELO

COSTELA

COSTELA

CASULO

PULMÃO

PULMÃO

AR

ENTRAR

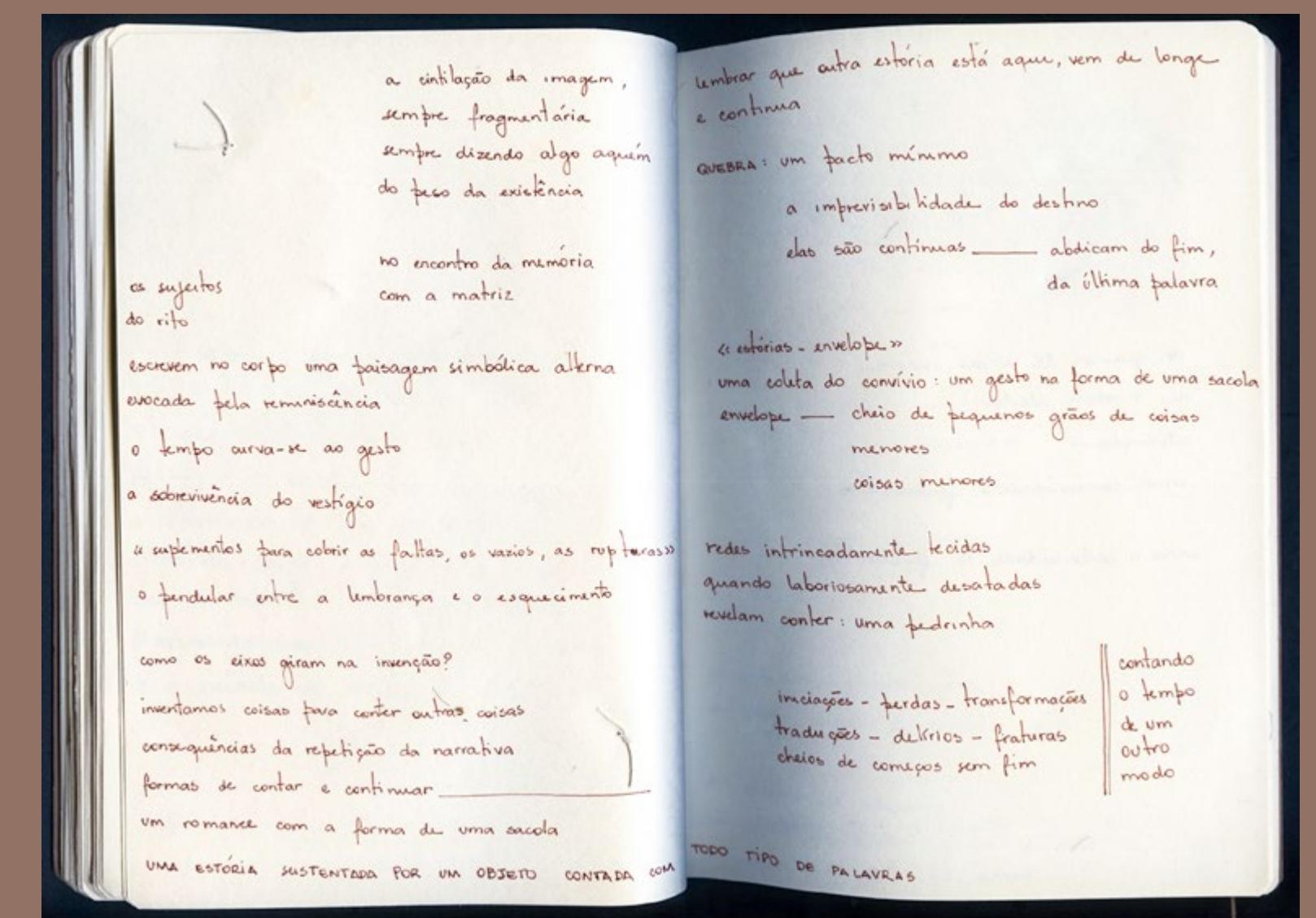
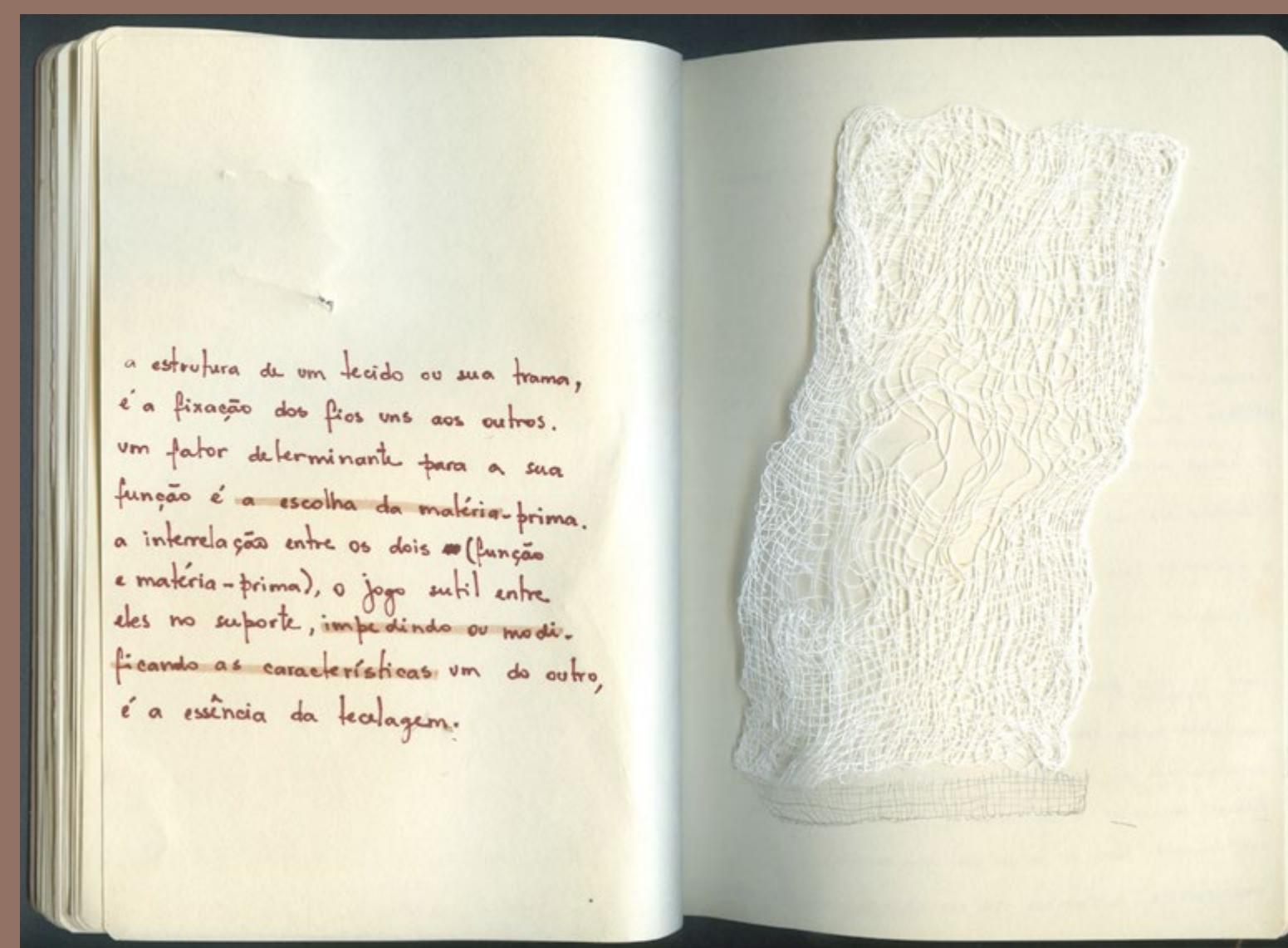
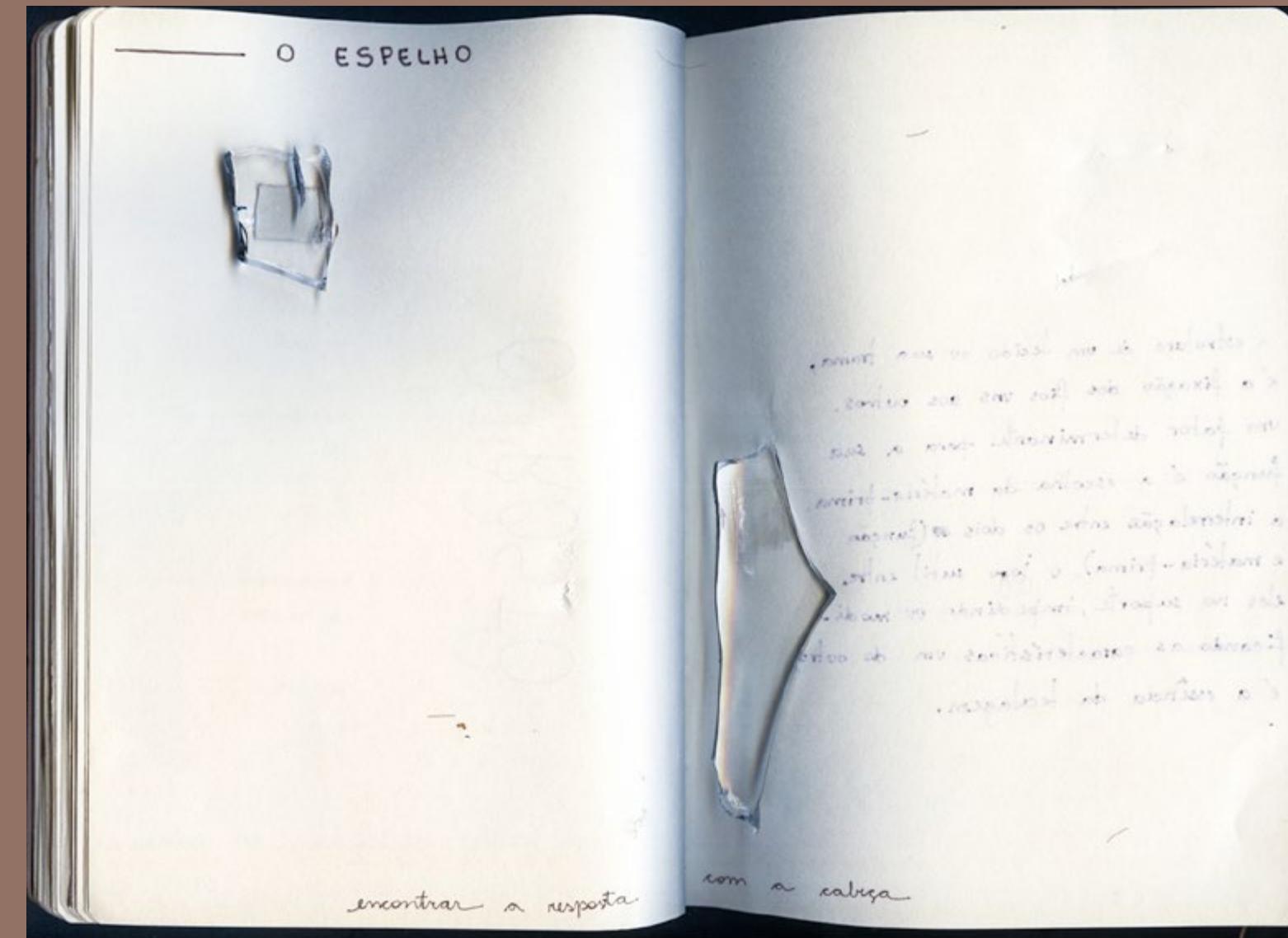
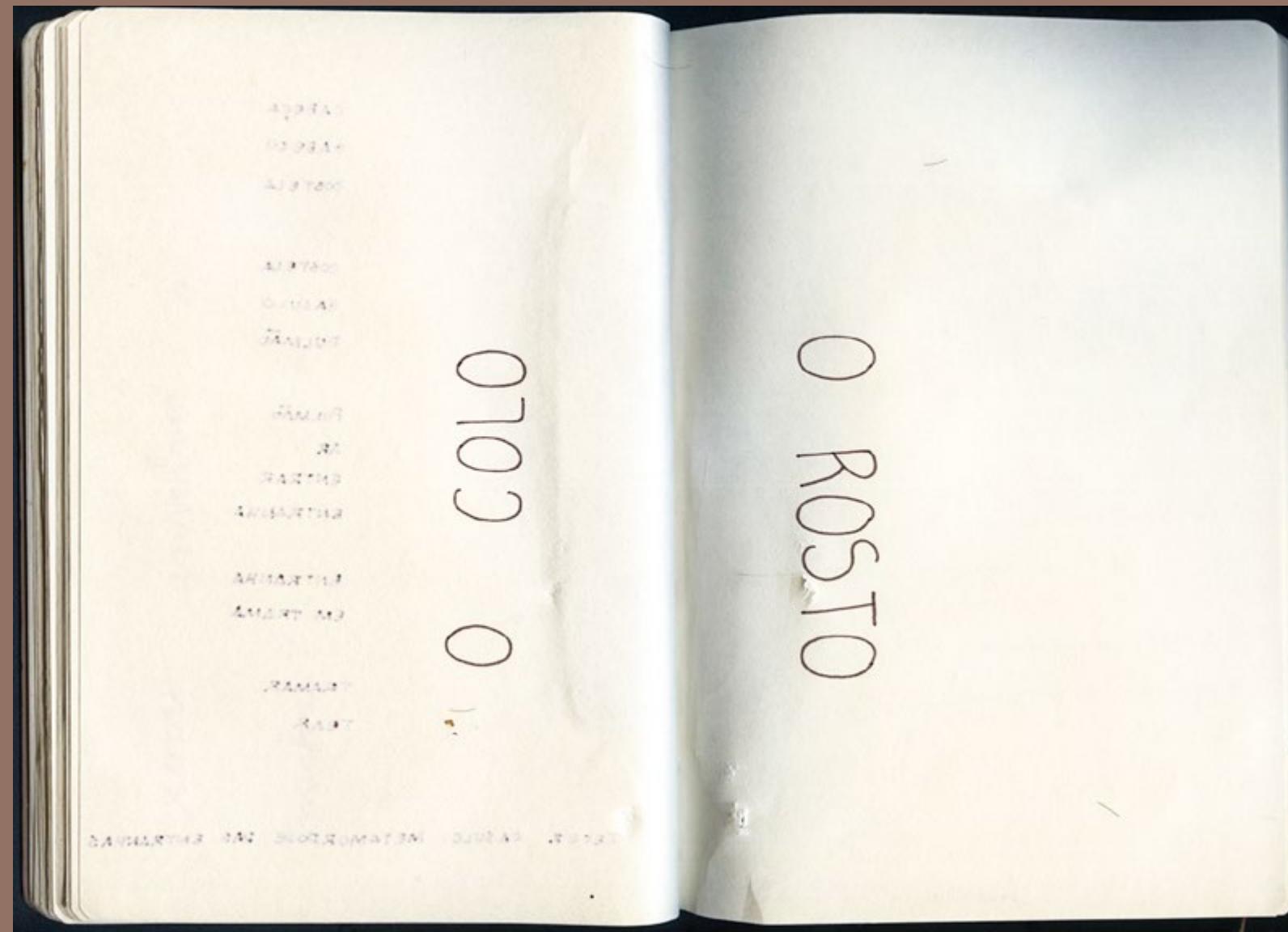
ENTRANHA

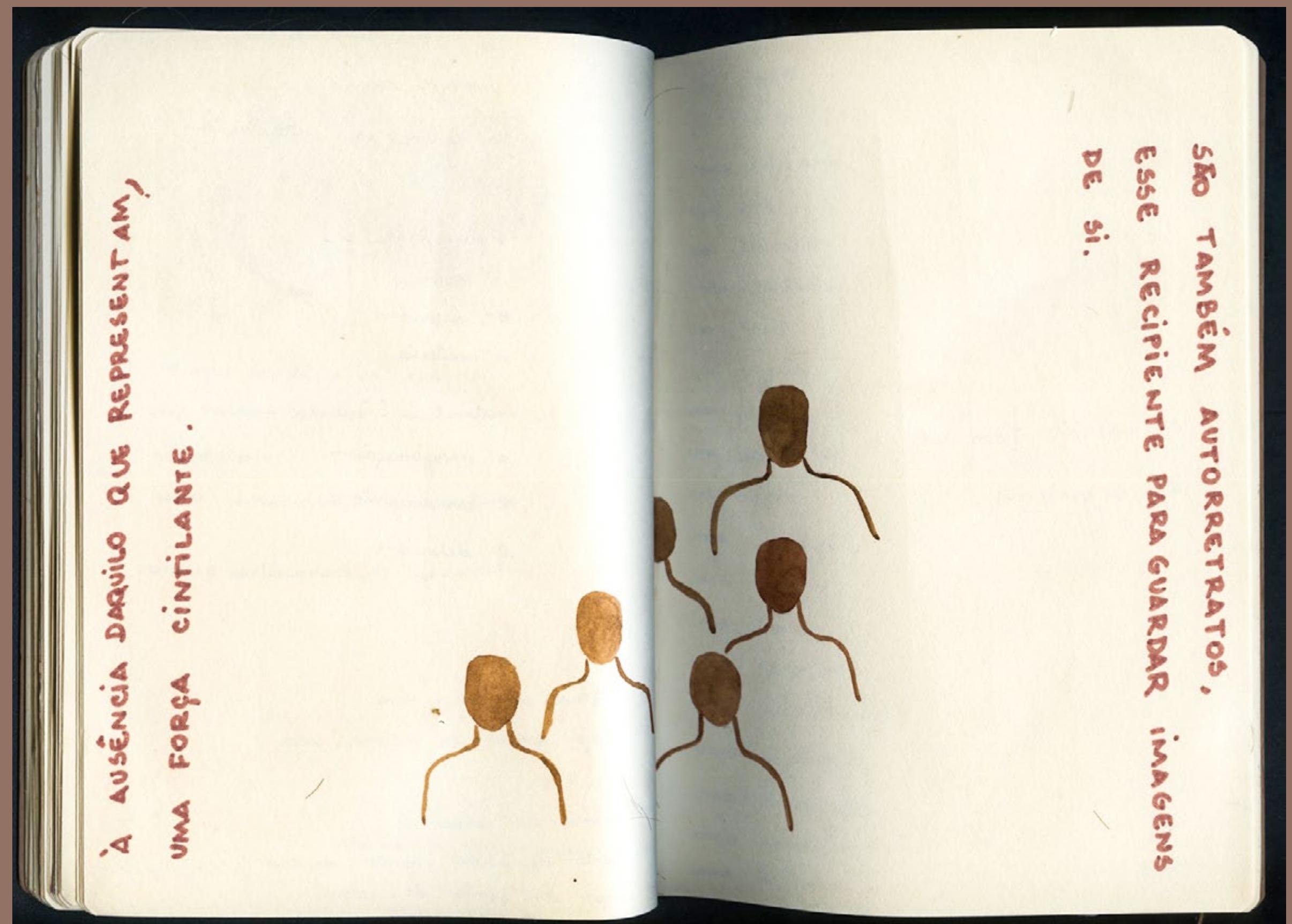
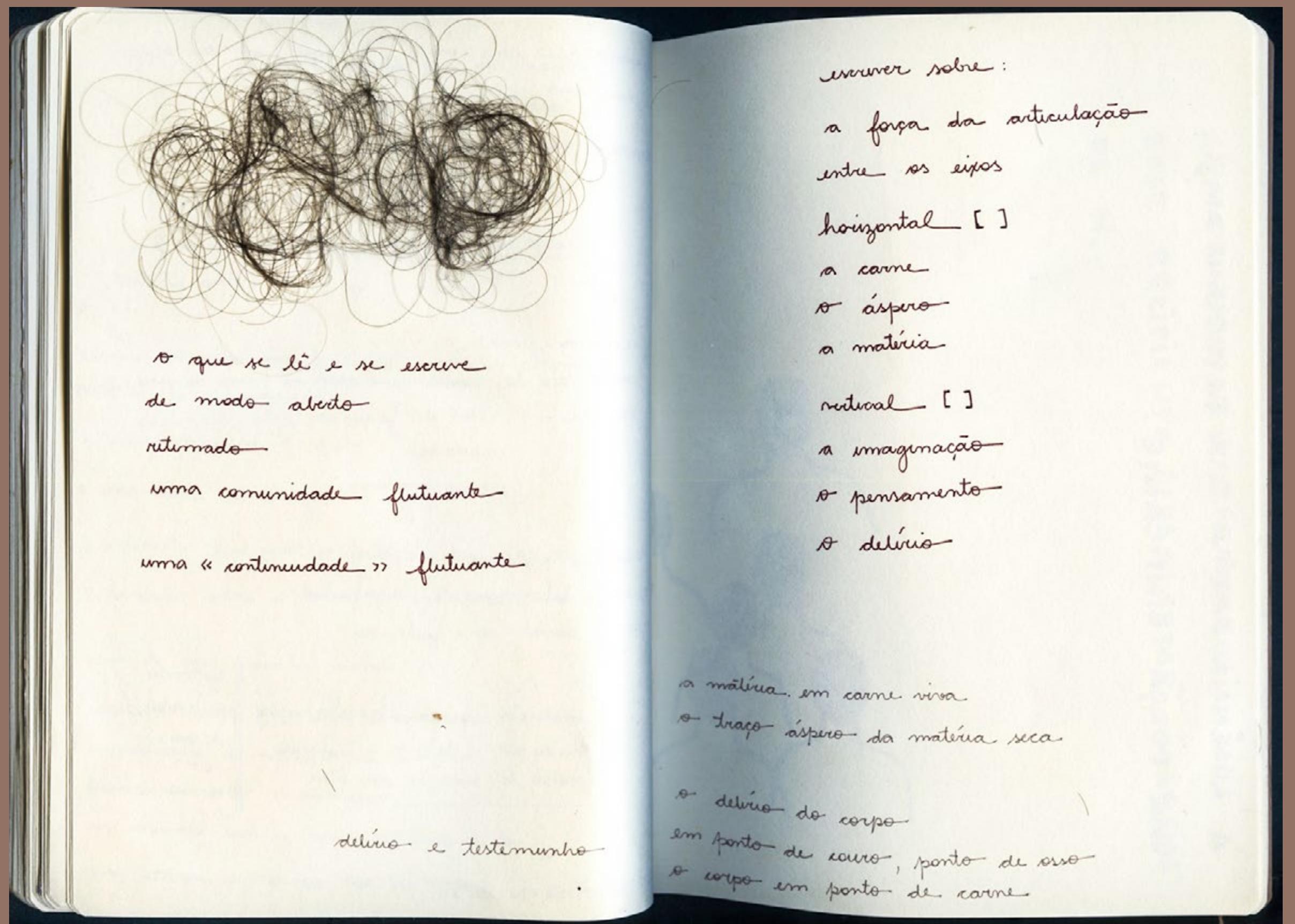
ENTRANHA

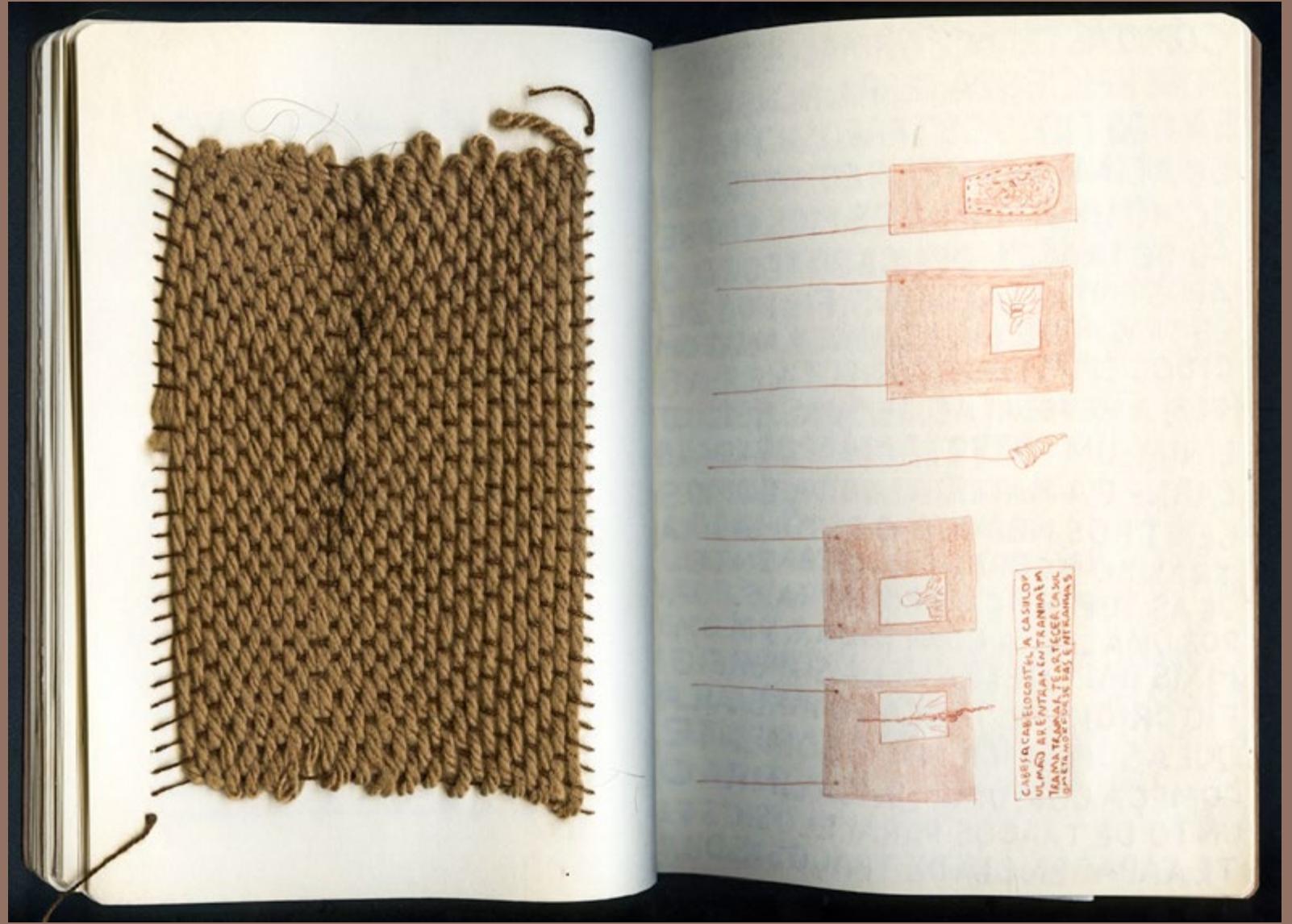
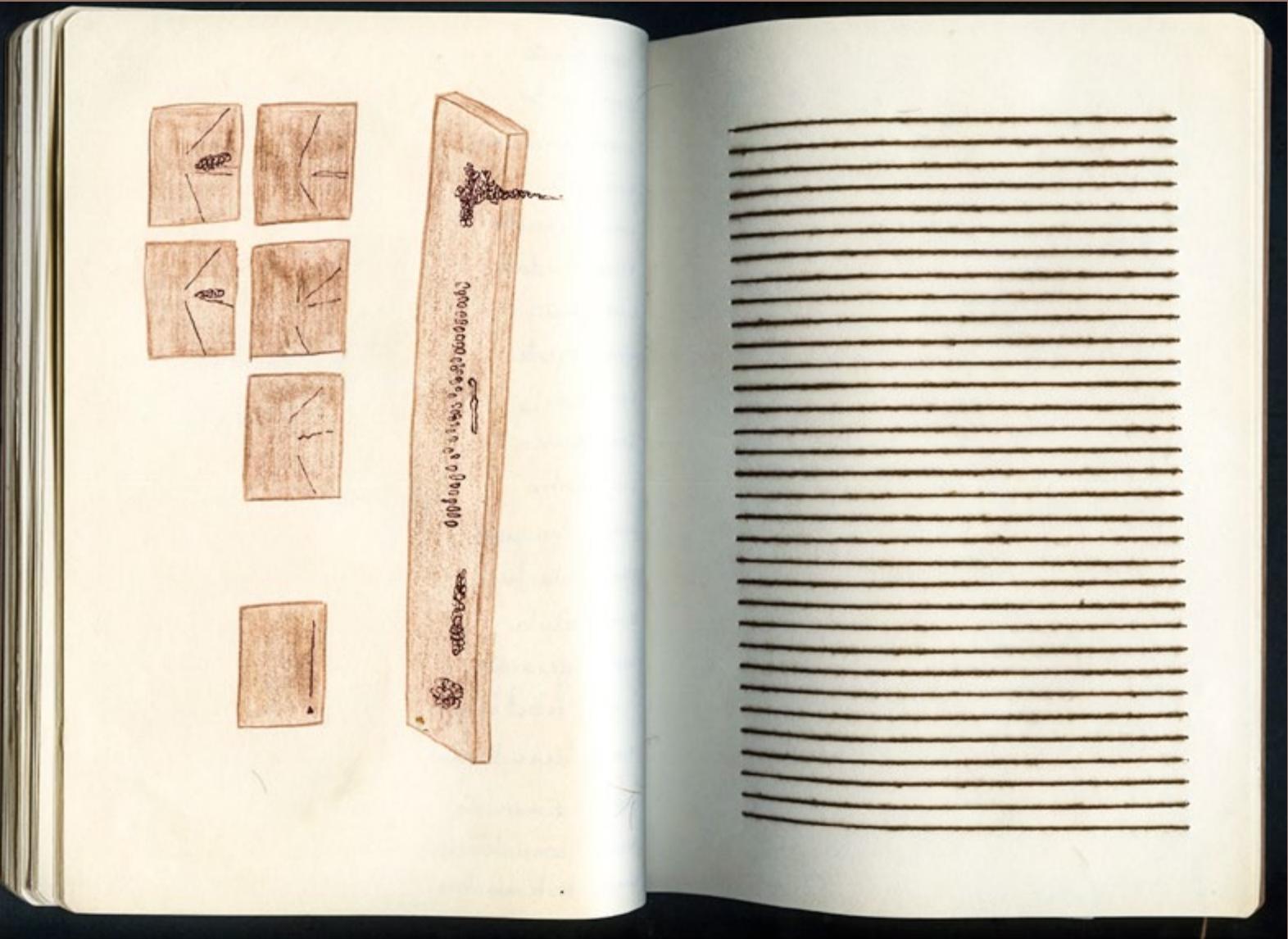
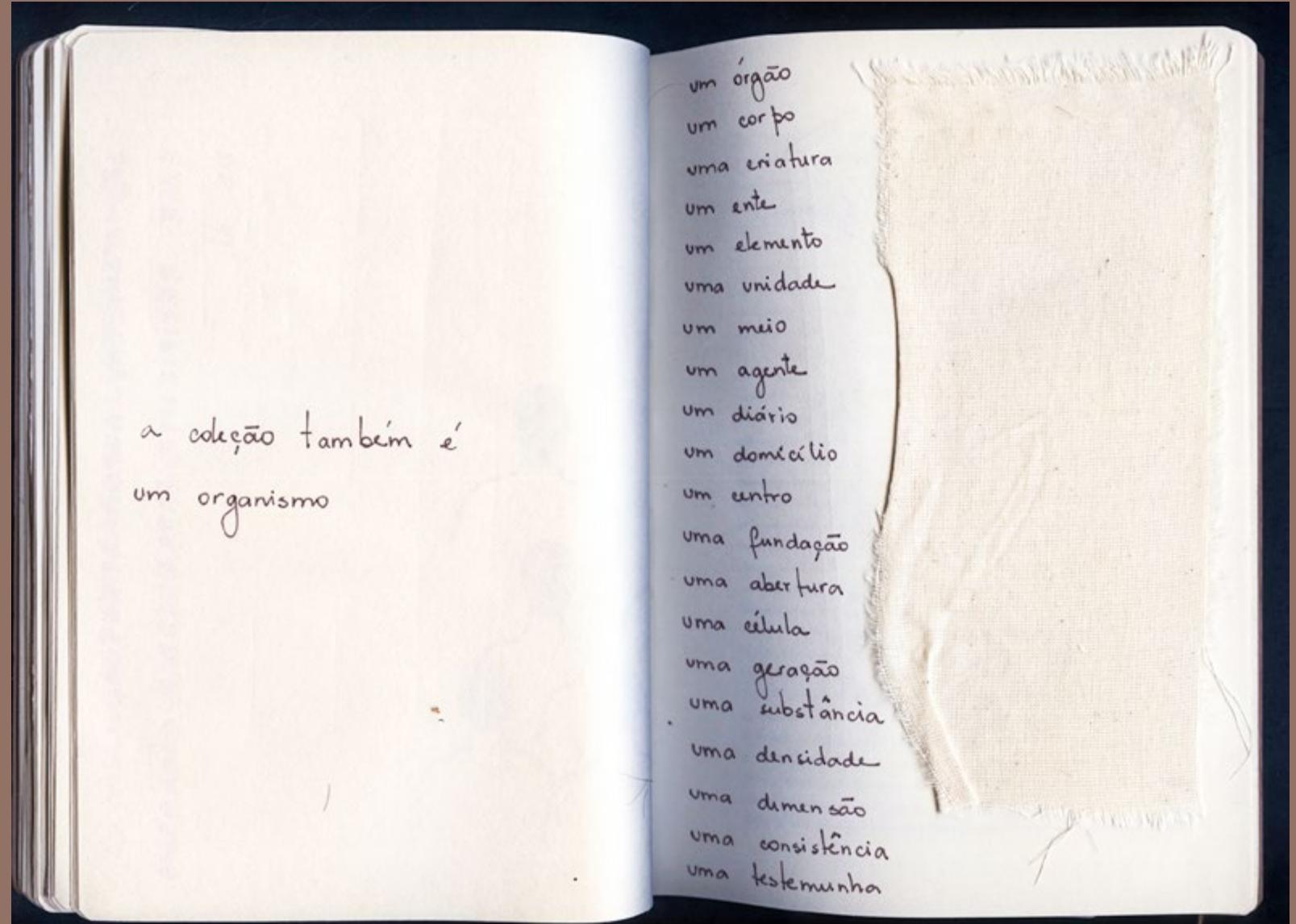
EM TRAMA

TRAMAR

TEAR







COMO AS TRANSFORMAÇÕES DOS TRAÇOS EM FIOS DISSOLVEM AS SUPERFÍCIES DA TERRA. A CASA OCORPO. A TRANSFORMAÇÃO INVERSA, DOS FIOS AOS TRAÇOS: CRIAR SUPERFÍCIES. AS SURFÍCIES DO CORPO, SE A LINHA COMEÇA COMO FIO E NÃO COMO TRAÇO, O TEXTO COMEÇA COMO UMA MALHA DE FIOS ENTRE TECIDOS MAIS QUE COMO A INSSCRIÇÃO DE TRAÇOS. DELICADO TECIDO, CONSTITUÍDO DE UMA MIRÍADE DE FIOS ENTRELACADOS. FIA OS ZELOSAMENTE TRANÇADOS NA MECHA OS TRAÇADOS, NO CORPO. A ANATOMIA DOS ÓRGÃOS FEITOS POR SEUS TECIDOS EPITELIAIS, CONECTIVOS. A SUPERFÍCIE DOS ÓRGÃOS TRANSPARENTES, A REVELAÇÃO DE SUAS ESTRUTURAS FEITAS DE LINHA. AFEITAS À LINHA. UM CORPO TRAMADO EXTRAORDINARIAMENTE TRANSLÚCIDO. A CARNE E A MATERIA LÚCIDA. COMO SE O EXEMPLAR FOSSE DE VIDRO, OS CENTROS, NERVOS, O ESTÔMAGO, A CIRCULAÇÃO DO SANGUE, OS RINS FILTRANDO O CORPO TRANSPARENTE. UMA ANATOMIA DO OLHAR DISSOLVAR MAR UMA SUPERFÍCIE INTERROMPIDA E DONO. O NÓ QUANTO MAIS FIRME: POR UMA LINHA CONTÍNUA. O VOLUME E O NÓ ESTÁ DENTRO, E OLHO NÚ. O MAIS IMPENETRÁVEL A SUPERFÍCIE. O NÓ ESTÁ DENTRO, E OLHO NÚ. O FIO ORIGINAL. TRAÇADO IRREGULAR, EM POUCAS PALAVRAS, DEIXA VER QUE A SUPERFÍCIE NÃO É SOMENTE SOLO. UMA TECITURA NÃO COMEÇA COMEÇA COM UMA ÚNICA LINHA CONTÍNUA. AUR DIDURA É UM CONJUNTO DE TRAÇOS PARALELOS. OS FIOS DA TRAMA TOMAM GRADUALMENTE A APARENCIA DE TRAÇOS: SOBRE SUA SUPERFÍCIE OPACA





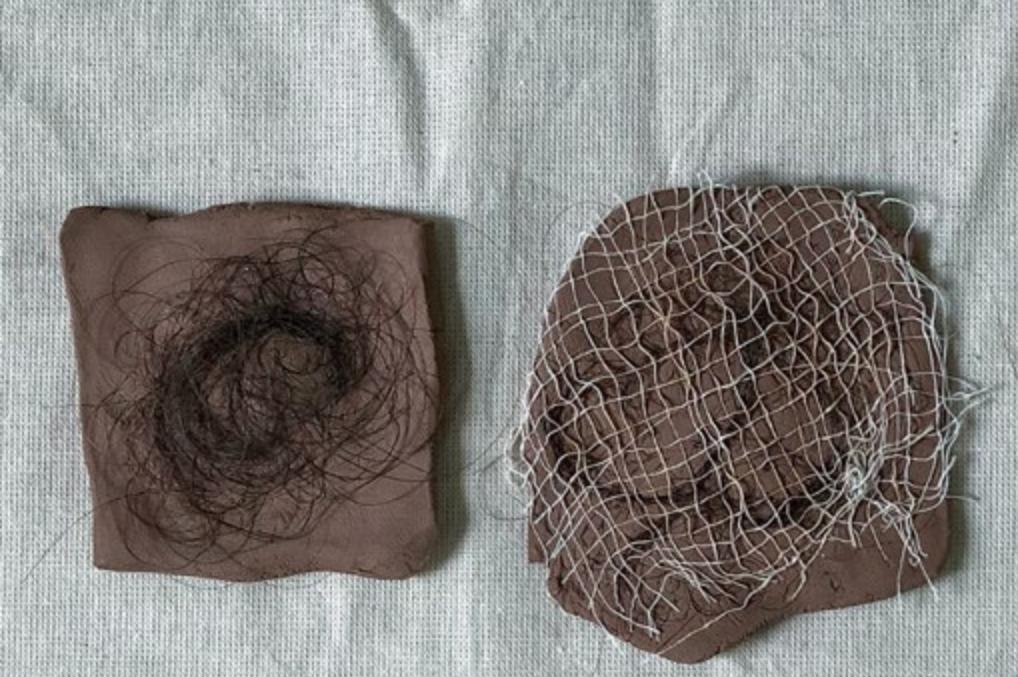


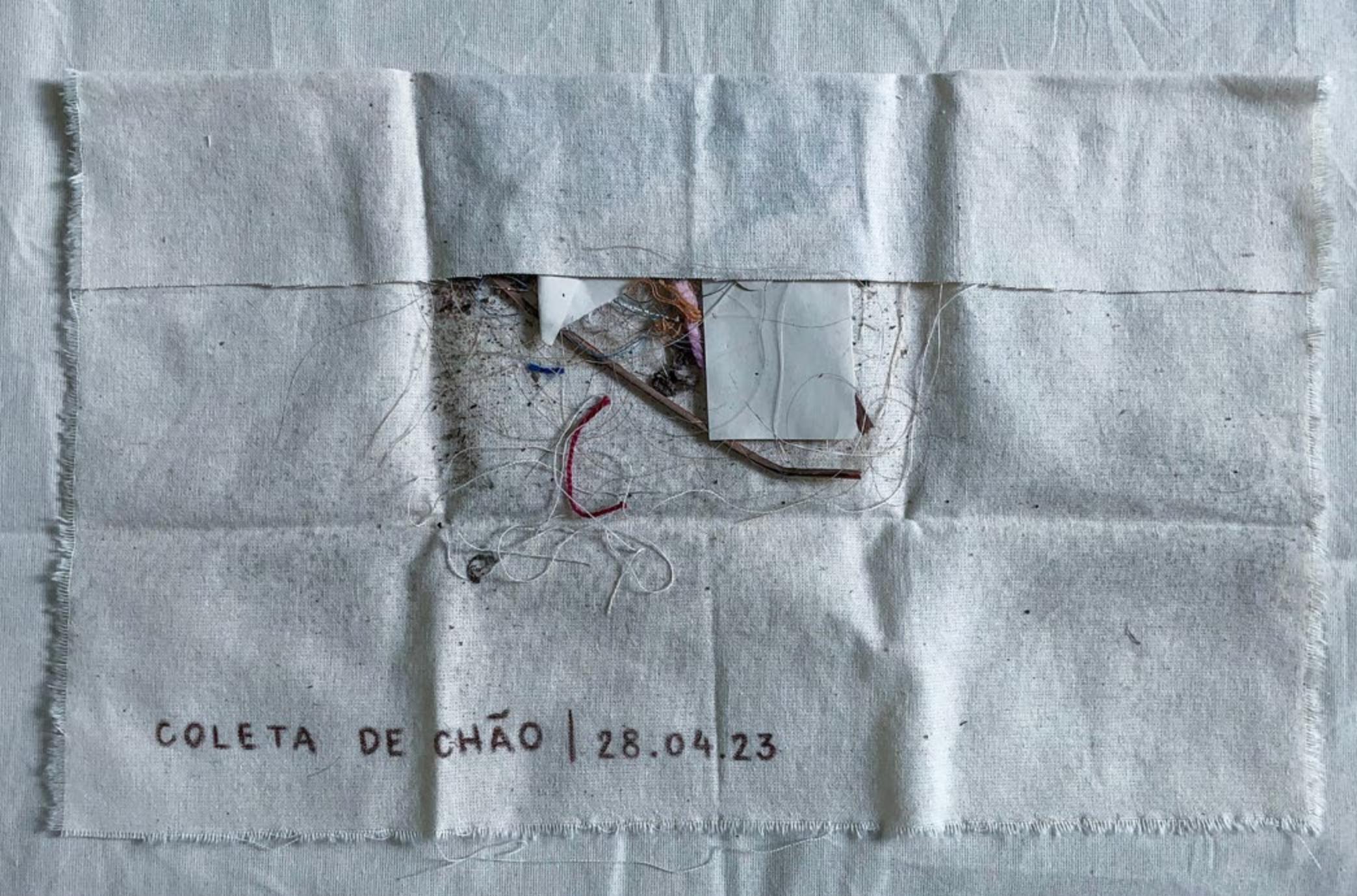


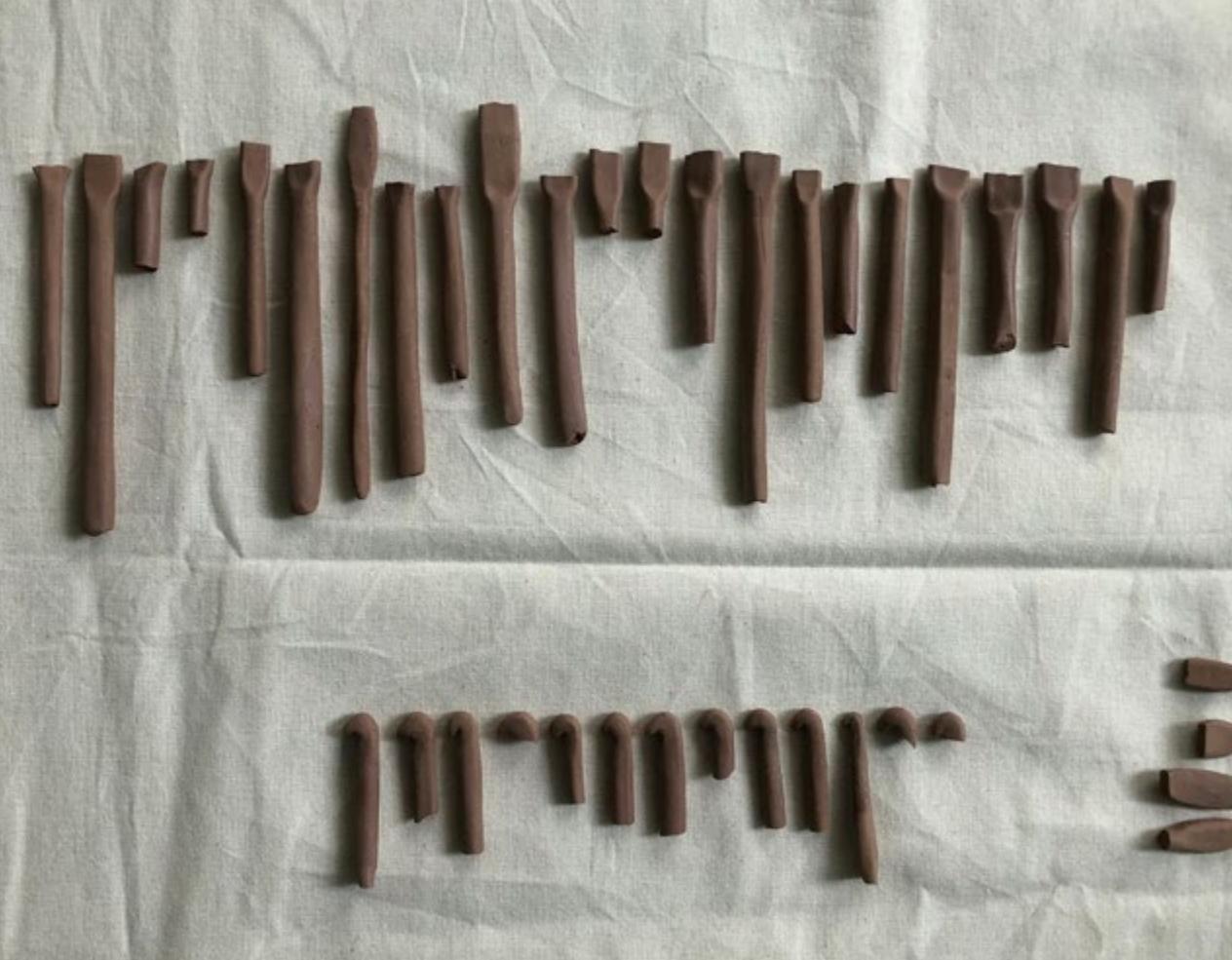








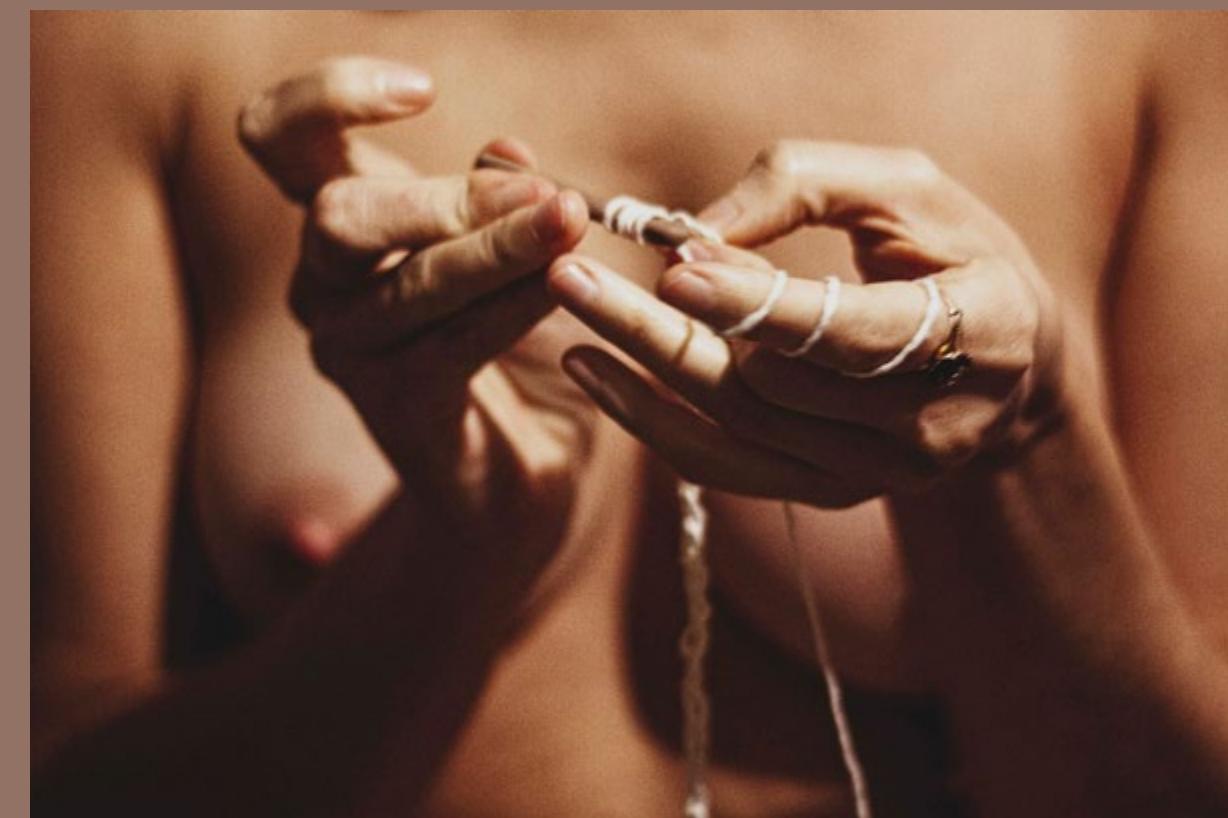




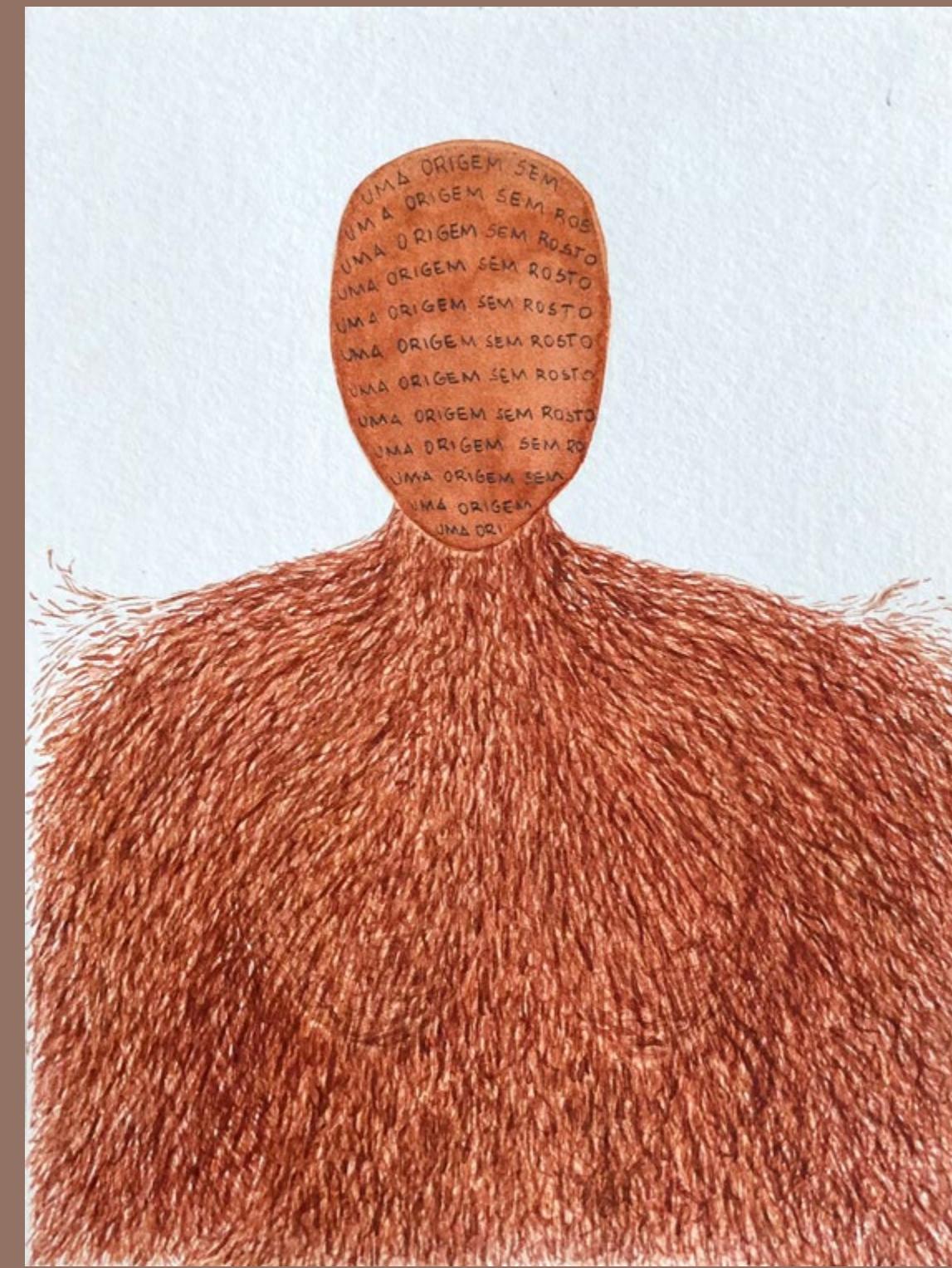
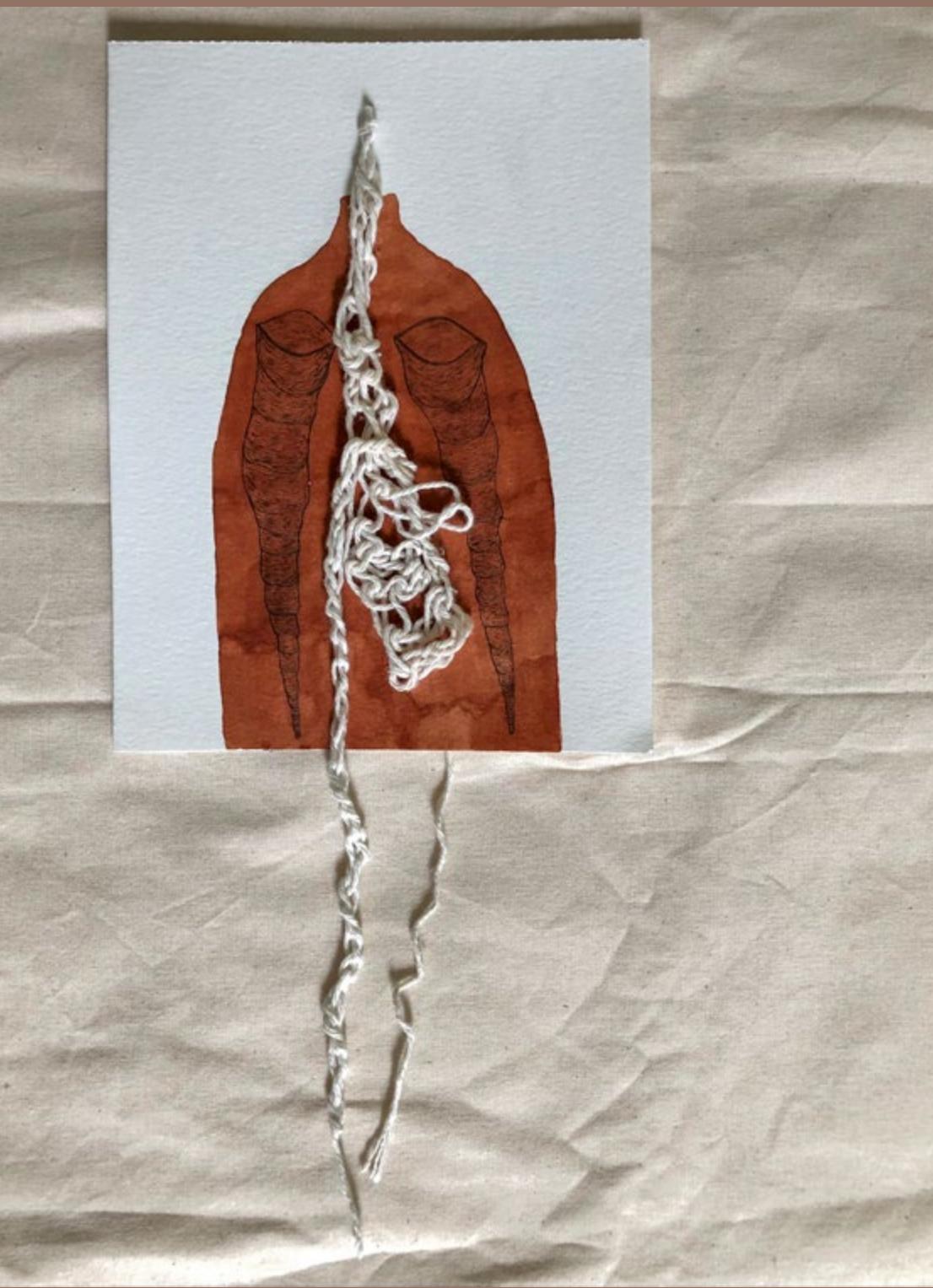












UMA ORIGEM SEM  
UMA ORIGEM SEM ROSTO  
NA ORIGEM SEM ROSTO  
UMA ORIGEM SEM ROSTO  
UMA ORIGEM SEM ROSTO









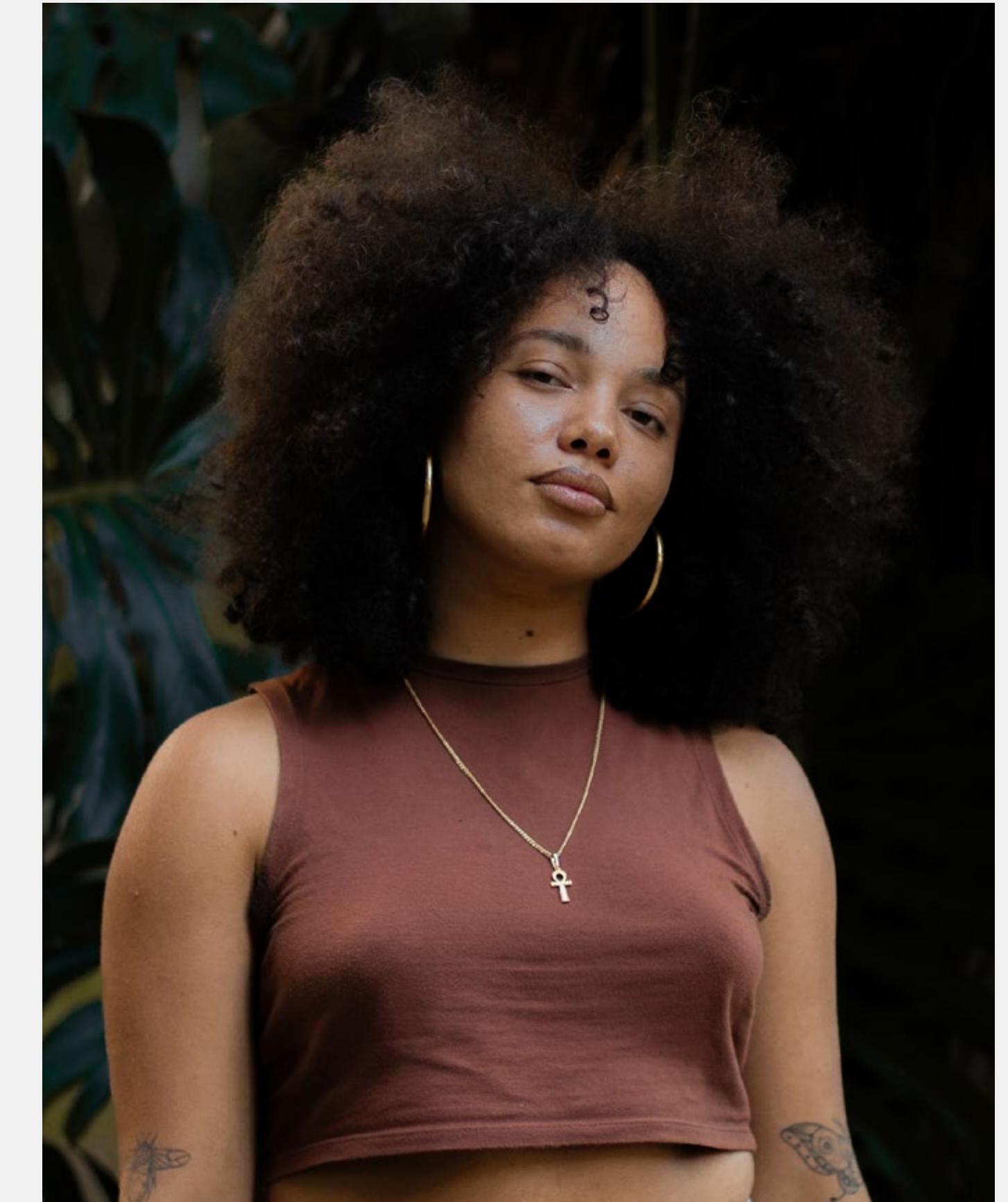
**QUEM SOMOS**

**Antonia Nayane** nasceu no dia 29 de novembro de 1989 com fissura transforame bilateral e fenda palatina, popularmente conhecida como lábio leporino e goela de lobo. É amazônica natural de Castanhal, Pará. Atualmente reside em Belo Horizonte, Minas Gerais. Vive e trabalha entre esses territórios. É graduada em Ciência Sociais pela Universidade Federal do Pará. Atua como artista multimeios e é autora do livro de poemas Abraço sua Crina, publicado pela Impressões de Minas Editora.



**Saiba mais:** [@antonia\\_y\\_nayane](https://www.instagram.com/antonia_y_nayane)

**Aziza Eduarda** é natural de Contagem, região metropolitana de BH, Minas Gerais, Brasil. Atua como artista plural, fotógrafa, pintora, colagista, poetisa, diretora e produtora audiovisual. Começou a carreira profissional na fotografia aos 15 anos com autorretratos e ensaios. Hoje, com 24 anos - 9 anos de carreira-, trabalha com produção autoral, documental, fotojornalismo e moda, tendo como principal foco o registro afetivo do povo negro. Na pintura e na colagem, o caminho foi de retomada, de resgate do que a movia na infância -e esteve presente nos últimos 4 anos-, ao transcrever as histórias e as imagens da beleza e do afeto preto.



**Saiba mais:** [@aziza\\_eduarda\\_](mailto:@aziza_eduarda_)

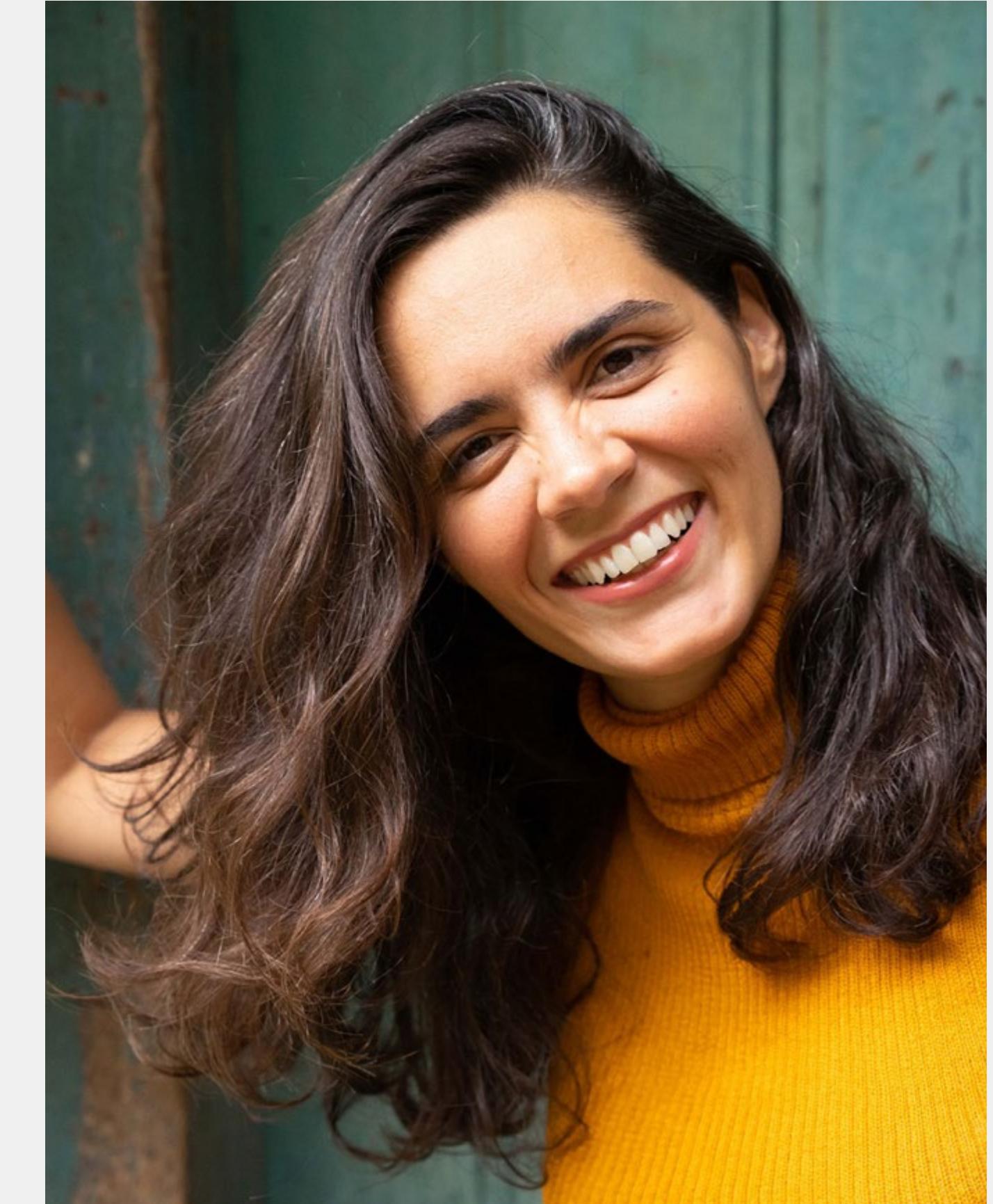
**Lina Mintz** é fotógrafa e gestora cultural. Seu trabalho é desenvolvido a partir do encontro, da criação conjunta com mulheres e realizações criativas diversas. Atua desde 2008 na gestão de grupos e coletivos artísticos culturais, adquirindo amplo repertório em processos compartilhados. Em 2013 iniciou seu caminho com a fotografia, no qual investiga os corpos, as individualidades e potências das singularidades. É graduada em Artes Visuais, especializada em Gestão Cultural, e atua como artista, curadora e coordenadora das atividades dos projetos Mútua, Se Toque e Makamba Brincante.



**Saiba mais:** [@linamintz](https://www.instagram.com/linamintz) e [@linamintz.fotografia](https://www.instagram.com/linamintz.fotografia)

**Maruaia** é artista visual e mestrandna na Escola de Belas Artes (UFMG). Seu trabalho costura, por meio da palavra, da performance e outras linguagens, histórias autobiográficas, fragmentos de memórias e invenções pessoais e coletadas.

Atua desde 2013 em projetos socioculturais, acumula experiência em elaboração, desenvolvimento e gestão de projetos. Atualmente é coordenadora artística do Mútua e do Se Toque.



**Saiba mais:** [@setoque.art](https://@setoque.art) e [@c.maruai](https://@c.maruai)

**Renata Delgado** é multiartista.  
Tem o corpo e suas relações como caminho investigativo.  
Foi Co-fundadora do Coletivo Naiá que durante 9 anos realizou proposições que integravam arte e o fortalecimento de mulheres. Atualmente se especializa em Cultura Visual - Fotografia e Arte Latino-Americana pela Universidade Católica de Pernambuco e desenvolve projetos artístico-culturais onde atua como gestora, artista gráfica, educadora e fotógrafa.



**Saiba mais:** [@renatadelgado](mailto:@renatadelgado)

**Sarah Coeli** é ex-arquiteta, linguista sem certificação e ceramista não praticante. Atua como artista e professora independente, segue caminho livre de formação em poéticas e teorias da arte. É especialista em gestos de escrita como prática de risco, a partir do exercício e dos pensamentos que envolvem o ato de escrever e o fracasso. Sua pesquisa opera em diferentes linguagens: performance, instalação, vídeo, fotografia, têxteis e escrituras, que promovem múltiplas ações na investigação da materialidade do barro e da palavra. Busca também compor interseções com outros temas que passam pelo corpo, pelo movimento, como a filosofia, as histórias biográficas de memória e do feminino.



**Saiba mais:** [@sarahcoeli](mailto:@sarahcoeli)

**Júlia Panadés** é artista do desenho e da palavra, nascida em Belo Horizonte no ano de 1978. É bacharel em Artes Plásticas, mestra em Artes Visuais e doutora em Estudos Literários. É professora há mais de 20 anos, com ênfase no ensino do desenho e na condução de processos criativos entre palavra e imagem. Atua como editora e ilustradora em diversos projetos editoriais.



**Saiba mais:** [@panadesjulia](mailto:@panadesjulia)

## FICHA TÉCNICA

**Coordenação de produção**

Lina Mintz

**Coordenação artística**

Catarina Maruaia

**Realização:** Mútua

**ISBN:** 978-65-00-72435-6

**Título:** Poéticas do Encontro

**Subtítulo:** Residência  
Artística, Mútua, 2023



## RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

**Artistas anfitriãs:** Catarina Maruaia e Lina Mintz

**Artista convidada:** Renata Delgado

**Artistas selecionadas:** Antônia Nayane,  
Aziza Eduarda Xavier e Sarah Coeli

**Artista orientadora:** Julia Panadés

**Convidadas aulas/lives:** Flaviana Lasan,  
Gênova Alvarado, Yanaki Herrera, Maria Vaz

**Vídeo:** Renca Produções

**Fotografia:** Lina Mintz

**Identidade Visual:** Renata Delgado

**Projeto Gráfico e diagramação:** Renata Delgado

**Revisão textual:** Ludmila Benquerer

**Social Mídia:** Breno Ribeiro

**Assessoria de Imprensa:** Rizoma Comunicação e Arte

Foto: Denise dos Santos



**Esta publicação foi realizada com recursos  
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de  
Belo Horizonte.**

Projeto 0217/2022

REALIZAÇÃO:



INCENTIVO:



CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**  
TRABALHANDO POR UMA cidade + feliz



@mutua.arte